

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

OBRAS
DO

Literato Amazonense

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

OBRAS LITTERARIAS
DE Bento de Figueiredo Tenreiro

Aranha

*Natural da Villa de Barcellos capital d'antiga
capitania do Rio Negro, agora Provinda do Amazonas*

QUE AO

Senhor D. Pedro 2.º Imperador do Brasil D.eO.

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha

filho do Autor

PARÁ — 1850
Typographia de Santos & Filhos

OBRAS

Literário Amazonense

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

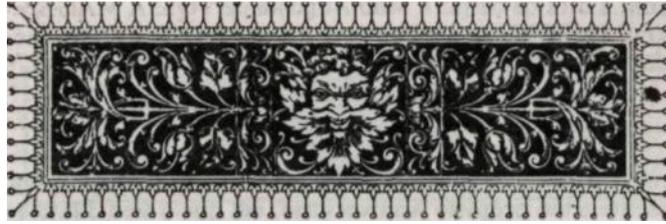
2.* EDIÇÃO

*Mandada reeditar pelo Estado do Amazonas durante a
administração*

EX. ^{mo} Su. CORONEL JOSÉ CARDOZO RAMALHO JÚNIOR

LISBOA
TYP. DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

MDCCCXCW



VOSSA MAGESTADE IMPERIAL dedico as obras litterarias de meu fallecido pai, por que umas fez die em honra da Monarchia, e das acções preclaras dos Excelsos Antepassados de VOSSA MAGESTADE IMPERIAL; outras em louvor de varões prestantes que, á gloria d'Elles e do paiz, se distin-guirão por feitos memoráveis, e de pessoas cujas virtudes deviam ter-se por exemplares. Umas e outras, por serem de litteratura, também pertencem a VOSSA MAGESTADE IMPERIAL, que é protector das lettras, e tem o mais eminente lugar entre os sábios no Instituto Histórico Brasileiro, onde já honrosa mensão se fez destas mesmas obras; e todas em summa, por serem do primeiro vate do Amazonas, vão ser dadas em primicias a VOSSA MAGESTADE IMPERIAL, pela elevação d'essa nova Província no presente anno.



Talvez, SENHOR, pareça de pouco vallor, por ser de pequeno volume, o nie offereço das ditas obras; eu porém as tenho em alto .^rêço, pelos motivos sobreditos, e por que, tendo-se perdido todas, a muito custo tornei a haver as que consagro a VOSSA MAGESTADE IMPERIAL, e são producções ingênuas de uma fonte pura, a melhor herança que me ficou de um virtuoso pai.

Com a dita de beijar a Mao Augusta de VOSSA MAGES-
TADE IMPERIAL, em Petrópolis, também tive a de ser-me
permittida esta oblação que.....

faço, com os votos puros do mais profundo acatamento, no
presente e tão propicio Anniversario, em que o Céu dilata e
assegura a ventura e gloria dos Brasileiros. Sou

De VOSSA MAGESTADE IMPERIAL, SENHOR

Sub dito fiel e submisso

Em Belém do Grão-Parà a 2 de
Dezembro de 1850

João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.



Artigo biographico



o n.º 6 da Revista Trimensal da Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Histórico Geographico Brasileiro, pag. 255, passou a ser reimpresso e publicado no Jornal do Commercio n.º 8 de 10 de Janeiro de 1841, com licença do Secretario

perpetuo do mesmo Instituto, o seguinte:

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

«Nasceu na villa de Barcellos, antiga cabeça de comarca do Rio Negro, no dia 4 de Setembro de 1769. (1)

«A sua ascendência he huma das mais honestas e distintas do Pará. Seu pai, Raimundo de Figueiredo Tenreiro era filho de Bento de Figueiredo Tenreiro, capitão-mor da villa de Gurupá (1), e provedor da fazenda real no Pará; e sua mãe, D. Thereza Joaquina Aranha, era filha do capitão-mor

(1) O Snr. Baena no seu Ensaio Corographico sobre a provincia do Pará, aqui impresso no anno de 1839, tratando da Villa de Barcellos, á pag. 388 e 390, diz assim:

•*Barcellos*: Villa creada em 1758 pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e Capital da extincta Capitania do Rio Negro, tendo sido até então Aldêa de Marina missionada pelos Carmelitas depois que o Principal Camandre da Cabilda dos Manãos a rogos de sua mãe convocou um dos ditos Missionários, que encontrou andando á pesca.»

da mesma província Manoel Guedes Aranha, descendente de Bento Maciel Parente, governador e capitão general do estado do Maranhão e Gram-Pará, e donatário do Cabo do Norte.»

«Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha perdeu seu pai na primeira infância, e apenas completos sete annos de sua idade ficou também sem mãe. Em sua orphandade foi entregue aos cuidados de hum tutor que, apezar de o fazer aprender as primeiras letras, não soube reconhecer os talentos de seu pupillo, pará os applicar convenientemente, antes o conduzio á solidão da roça, a que Tenreiro não se podia accommodar.»

«Tocando a idade de doze annos, sentio mais vivo o seu desejo de se entregar ao estudo das bellas-letras, e com este desígnio procurou o amparo de seu padrinho o arcepreste e vigário geral José Monteiro de Noronha, que, applaudindo e favorecendo este desígnio de seu afilhado, e de accordo com o juiz de orphãos, o mandou estudar no convento de S. Antonio, onde, completando os seus estudos preparatórios, se passou para as aulas maiores dos Padres Mercenários, sob a direcção do padre mestre Fr. João da Veiga, cunhado do vigário geral Noronha, e ahi aproveitou muito, desenvolvendo pasmosamente os seus talentos.»

«Aos 19 annos de sua idade, Tenreiro Aranha apromptava-se a ir completar os seus estudos na universidade de Coimbra, mas foi embaraçado neste seu projecto pela falta de meios que lhe causara hum seqüestro da fazenda real sobre os bens herdados de seu avô. Removido do seu propósito, elle se deixou captivar do amor que em sua alma accenderão os encantos e virtudes de D. Rozalina Espinoza, filha de hum official militar vindo de Portugal pará servir na provincia do Pará, e com ella se casou.»

• No recinto desta Villa nasceo Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, mui distincto pelo engenho Lyrico de que o dotara a natureza. Ha impressas d'êste homem já ha muito fallecido duas obras em versos, e uma em prosa: entre os seus manuscritos ha uma Ode Pindarica ao Governador Gama do Rio Negro frazeada com tanta energia de expressão e pompa de harmonia que ella só pode servir de baze. em que assente o seu merecimento poético com tal firmeza que nenhuma censura o possa derruir.»

(1) Aliás do — Guamá.

«Tomado este novo estado, figurou-se-lhe a vida retirada mais conveniente e aprasivel, e assim foi viver em huma fazenda dentro da jurisdicção da cidade onde em socego se deu mais afincadamente ao estudo das bellas-lettras e aos cuidados ruraes.»

«Tendo conhecimento o governador e capitão general, Martinho de Souza Albuquerque, das boas qualidades de Tenreiro Aranha, não soffreu que permanecesse em retiro quem podia ser mais útil á pátria nos empregos públicos; por isso, com a patente de alferes de milicias, o nomeou director de Oeiras, villa de índios: Tenreiro obedeceu logo a este convite e deliberação da primeira autoridade de sua pátria. De sua excellente direcção resultou hum geral contentamento dos indigenas dessa villa, augmentando-se sensivelmente os productos de seu trabalho, e o numero da população, pelo incremento de muitos índios, que, atrahidos das selvas por suas maneiras conciliadoras, vierão engrossar o rebanho de Christo, ao qual Tenreiro consagra também particulares cuidados.»

«D. Francisco de Souza Coutinho, que succedêra no governo da província a Martinho de Souza, e que, segundo as suas informações ao gabinete de Lisboa, esperava huma lei que abolisse o directório dos índios, satisfeito do comportamento de Tenreiro Aranha no regímen econômico da directoria de Oeiras, e do desinteresse que assaz o extremara de muitos directores ambiciosos e desabridos, não quiz que Tenreiro se achasse ainda director quando chegasse a mencionada lei, para não ser confundido com os outros que serião então demittidos; e afim de mostrar-lhe que os seus merecimentos lhe occupavão a attenção, elevou-o ao posto de capitão de caçadores do seu mesmo regimento, e conferio-lhe o lugar de escrivão da abertura da alfândega do Pará.»

«Tenreiro Aranha não deixou no exercício desies seus novos encargos de merecer de mais a mais o honroso conceito do seu governador; mas por fim foi victima de insidiosas machinações e negras calumnias, movidas por occasião da discórdia que rebentara entre o governador, o bispo D. Manuel de Almeida de Carvalho, e o juiz de fora Luiz Joaquim Frota de Almeida, de quem era fiel e extremoso

amigo. O seu officio da alfândega foi logo transferido para outro indivíduo que com lisonjas soubera amar a graça do governador. Recolheu-se de novo Tenreiro Aranha á solidão do campo, até que o conde dos Arcos, investido no governo, e inteirado da injustiça que se lhe fizera, o chamou para o emprego de escrivão da mesa grande do Pará, que lhe foi confirmado vitalício pelo príncipe regente D. João.»

«Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha falleceu no dia 11 de novembro de 1811 (1).»

«Cabia agora annunciar os diversos talentos deste honrado "araense pela mesma ordem com que elle os manifestou em seus escriptos, mas a falta de noticias exactas faz com que sejamos parcos em tal matéria, contentando-nos de annunciar unicamente o que tem chegado a nosso conhecimento, e que de certo basta para acreditar a memória de Tenreiro Aranha como de um distincto litterato.»

«De suas obras humas se imprimirão avulsas, outras de todo se tem perdido. Passarão pelo prelo huma ode ho-raciana ao governador e capitão-general Martinho de Souza e Albuquerque, onde a gratidão de mãos dadas com a verdade, expressou louvores em sublime phrase; e huma oração feita por occasião do nascimento da Snr.^a D. Maria Izabel, infanta de Portugal, que foi recitada na residência do juiz de fora Luiz Joaquim Frota de Almeida. N'esta oração brilhão os liberaes sentimentos de que já era possuído n'aquelle tempo o illustre Paraense. Querendo elle mostrar as vantagens das monarchias justas, fundadas na equidade e na razão, dirigidas por leis e consagradas pela religião, diz assim: «Rastejão e emitão de algum modo a força, a unidade, a ordem, e aquella acção rápida, poderosa e simplicissima com que o Ente Supremo, desde o alto do seu throno magestoso, rege e modera o universo.» Depois, continuando o mesmo pensamento, diz assim: «Seja para sempre detestado o sceptro da tyrannia: seja banido e desterrado para os confins desses bárbaros climas onde, desconhecida ainda a dignidade do homem, perpetua a ignorância o seu jugo infame sobre milhões de escravos.»

(1) Foi a 25 de Novembro de 1811.

«Das poesias manuscriptas, dramas, cantatas, idyllios, sonetos, etc, só escaparão á voracidade do descuido (1), huma ode pindarica ao governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo de Almada, e hum soneto á Mamaluca Maria Barbara, mulher de hum soldado do regimento de Macapá, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, por não querer adulterar; e he o seguinte:

SONETO

Se acaso aqui topares. caminhante,
 Meu frio corpo já cadáver feito, Leva
 piedoso com sentido aspeito Esta nova
 ao esposo afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante Me
 viste por fiel cravado o peito,
 Lacerado, insepulto, e já sujeito O
 tronco fêo ao corvo altivolante:

Que d'hum monstro inhumano lhe declara, A
 mão cruel me trata d'esta sorte, Porém que
 allivio busque á dor amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
 Que, por honra da fé que lhe jurara, A'
 mancha conjugai prefere a morte.

(1) As obras, com outros bens, do Tenreiro Aranha estão bem guardadas como se fossem reliquias de muita veneração em sua casa no aprasivel sitio da Memória, perto desta Cidade de Belém, % o filho do Autor tinha apromptado uma copia ou collecção dellas, com o designio de as publicar nos Estados Unidos, ou na Corte do Rio de Janeiro pará onde foi emigrado no anno de 1832. Mandou ir a dita collecção ein um volume com outros papeis e livros para a Fazenda Pinheiro, onde estava à espera de um Brigue prestes a seguir viagem; mas o bote em que ia essa parte de

Omitimos outras muitas poesias do mesmo Tenreiro Aranha, compostas por diversos motivos, e em diversas occasiões em que o seu patriotismo se fizera sempre manifestar brilhante e sublime, por não ser de nossa tarefa transcrever todas as suas composições. Tenreiro cantou em muitas poesias a trasladação da familia real portugueza para o Brazil, e parece bruxolear desde então, a independência e futuros destinos da nossa pátria (1).

sua bagagem naufragou, e perderão-se todos os objectos que levava, salvando-se apenas os conductores a nado, e uns pequenos bilhetes dentro de uma caixinha de folha de flandres: o portador de tudo era o cidadão Victorio de Figueiredo Vasconcellos, que bem sabe dessa perda. Os escriptos originaes das mesmas obras continuarão a estar guardados na casa acima dita; mas esta foi invadida e saqueada pelos rebeldes no anno de 1835, e foi outra vez no anno de 1836 pelos *conquistadores* que no anno de 1838, estando o filho do Autor na Corte, acabarão de a destruir, tirando delia tudo quanto ainda restava. E' pois á *voracidade* desses destruidores, e não á do descuido a quem se deve attribuir a perda das obras e de outros bens do Tenreiro Aranha.

O Dr. Patroni, seu parente, sentio, descrevéo e fez sentir em um poema — As minas da Memória.

(1) Parece que não era — *bruxolear* —, por que o sábio e poeta podia antever e prognosticar a independência e futuros destinos do Brazil. Veja-se o seu ultimo Drama feito em 1808.

OBRAS LITIERARIAS

DE *BENTO DE*

FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA

**Que se tinham perdido,
e vão sendo achadas a muitas diligencias, e recopiladas (*)
pelo Filho do Autor**

***) Ainda outras muitas não tem apparecido.**

ORAÇÃO
ou Breve
discurso

feito por ocasião do felicíssimo nascimento da sereníssima senhora

D. Maria Izabel,
Infanta de Portugal,

Para se recitar nas casas da residência do
Doutor Luiz Joaquim Frota de Almeida,
Juiz de Fora da Cidade do Pará no ano de 1798

OFFERECIDO AO SENHOR José
Gonçalves da Silva
Cavalleiro Professor na Ordem de Christo, Fidalgo da Real
Casa e Coronel de Milicias no Estado do Maranhão

POR
Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha
Natural do Pará.

IMPRESSO EM LISBOA NO ANNO DE 1807

Na officina de Simão Thadeo Ferreira. *Com*
licença da meia do Desemhargo do Paço

Vereis amor da Pátria, nao movido De
prêmio vil; mas alto, e quasi eterno:

Çam. Lus. Cant. 1. Est. 10

Daquella Portugueza, alta excellencia, De
lealdade firme e de obediência

I d. Cant. 5. Est, 72.



Senhor José Gonçalves da Silva.

m qualquer parte, e em todo o tempo onde a virtude se ache, merece as nossas homenagens. O vassallo honrado, e fiel ao seu príncipe, e ao seu Paiz; o bom patriota, o homem generoso e sensível he hum Cidadão de todo o mundo, he digno de ser conhecido, e proposto como hum modêlo a todos os homens. Estas reflexões bastarão para que eu houvesse de of-ferecer. a V. SENHORIA este limitado tributo de huma veneração a mais justa, e a mais sincera; ainda quando não concorresse a razão de se achar esta Capitania, onde a Providencia tem fixado a minha existência, tão próxima, e visinha a essa, que V. SENHORIA ilustra com as suas virtudes.

Nella descansam também as cinzas de alguns dos meus Antepassados; e ambas estas Capitánias formarão largo tempo hum só Estado, cujas relações fysicas, e políticas união estreitamente os seus habitantes; os quaes ainda hoje se devem considerar animados pelo mesmo espirito, e ligados pelos mesmos vinculos, e interesses; pois que tanto huns, como outros vivem debaixo da mesma zona, pisão a mesma terra, e respirão á sombra do mesmo Jirono, e das mesmas Leis.

Sobre estas razões se firmarão as outras, que mais forte, e principalmente me moverão, e me determinarão na oc-

casião presente; quero dizer, os próprios feitos, e as virtudes de V. SENHORIA, representadas pela sua reputação, e pela fama em toda a parte; as vozes dos infelizes, que V. SENHORIA tem arrancado os braços da miséria, e da desgraça; os muitos, e brilhantes testemunhos de beneficência, de generosidade e daquella grandeza d'alma, que o caracterizão, e que fazem repetir o seu nome até nos lugares distantes; o nobre uso, que sabe heroicamente fazer dos meios, e dons, que recebeu da Providencia, como um fiel depositário, ou digno instrumento da mesma, sujeitando constantemente a fortuna (o que é assaz difficil) ao império da razão, e da virtude, e não estas ao capricho, e á tyrannia daquella, como quasi sempre succede; mas sobre tudo o seu patriotismo consagrado ao bem publico em tantos, e tão repetidos actos; e aquelle espirito de vassallagem, e de fidelidade verdadeiramente Portugueza, com que V. SENHORIA nestes últimos, e calamitosos tempos deo de si voluntário as mais altas provas ao Soberano, à Pátria, ao Maranhão, a todo o Brazil, e ainda a toda a Monarchia, ou ao Mundo todo: raro exemplo de generosidade e de zelo, que no seu gênero, e em taes circumstancias não teve outro igual! Eis aqui os grandes motivos, e as principaes razões, que hoje me transportão daqui mesmo até o lugar, onde V. SENHORIA habita, e que movem a minha alma naturalmente sensivel às vivas impressões, que nella produz a imagem de merecimento, e da virtude, e a contemplação grata, e suavissima das acções bellas, e dignas de louvor.

Não posso referir, e individuar aqui as de V. SENHORIA, porque são muitas, e nem poderiam já mais resumir-se em huma breve Carta. São, além disso, assaz notórias, e não necessitão de outros louvores; porque já se achão qualificadas, e repetidas pela voz publica, e elogios do mesmo Soberano nos honorificos Decretos, com que tem dado a V. SENHORIA as mais expressivas demonstrações do seu Real Agrado, e Satisfação. Feliz o vassallo que as merece, e todo o Cidadão, que no tempo da afflicção e do perigo concorre para sustentar a Pátria, como huma das suas firmes columnas, offerecendo, e empregando opportuna, e liberalmente em serviço, e socorro delia o precioso fructo das suas fadigas, dos seus suores, e da sua industria,

que os outros homens pela maior parte adorão, e com tanto aferra, e egoísmo guardão, e só para si reservão. E feliz o Príncipe, e o Paiz, que tem destes vassallos, e Cidadãos beneméritos; e que não desperdiçando com outros menos dignos as suas graças, e os seus prêmios, os fazem brilhar, e reluzir naquelles, em quem honrão ao mesmo tempo a justiça, e o merecimento. O de V. SENHORIA foi pois somente o que lhe teceo, e pôz sobre a cabeça a coroa civica; coroa essa devida a V. SENHORIA, e dignamente representada nas Mercês, e Honras, com que a Real mão tem magnificamente decorado a V. SENHORIA, podendo-se-lhe ainda depois de tudo isto dizer, ou applicar o que a respeito de outro disse hum dos nossos Poetas:

E se o não fosses nas mercês presentes,
Eras digno de o ser, que he mais que tudo.

Finalmente nada mais creio que devo por agora aqui dizer, ou acrescentar senão que me pareceu summamente acertado, e justo offerecer-se a V. SENHORIA a breve Oração, ou Discurso feito em applauso do Nascimento de huma das Augustas Filhas dos nossos Clementíssimos Príncipes. Elle me deo occasião de arranjar algumas idéas, e exprimir os meus sentimentos relativamente ao Systema, ou Governo Monarchico-Hereditario, mostrando ao mesmo tempo as vantagens deste sobre todos os outros, quanto me permittia a brevidade, e o character de huma peça da natureza desta. Daqui passei a tocar sobre algumas das excellencias, e prerogativas, que distinguem, e exaltão a Monarchia Portugueza entre todas as outras, fundando os meus principaes argumentos, ou as minhas provas nas virtudes hereditárias, Caracteristicas, e reciprocas dos seus benéficos Príncipes, e dos seus leaes vassallos; na bondade das suas Leis; mas sobre tudo na Religião, e na Piedade Nacional. Parece-me que na conjunctura, e actual crise dos acontecimentos presentes, entre a fermentação das idéas novas, ou espirito de vertigem, que tem assinalado a nossa idade, nada podia ser mais interessante, e mais agradável a todo o gênio digno de se chamar Portuguez, do que a fiel representação, ou ao menos hum resumo das ditas ver-

dades. Assim se firma cada vez mais o amor de cada hum á sua Religião, ao seu Príncipe, ao seu Paiz, e á sua Constituição. E como estes são os sentimentos, que mais resplandecem, e especialmente caracterizam a V. SENHORIA, esta offerta não deixará de lhe ser agradável pelo seu motivo, e ei re um st an cias, posto que em si mesma tão pequena; e deste modo já antecipadamente me lisongeo de que com el la consegui o duplicado fim de lhe fazer este tal, ou qual obséquio, e ao mesmo tempo de dar a V. SENHORIA aqui mesmo de longe hum publico testemunho da justa estima, ou da sincera veneração, e respeito que lhe consagro.

Espero que V. SENHORIA benignamente o receba; e que desculpando a pobreza da offerta, e os defeitos do seu Author em attenção à bondade do objecto, e das intenções, que a formarão, se sirva igualmente de me honrar com os seus preceitos. Serei tão fiel, e sollicito em os executar, quanto o sou em desejar a V. SENHORIA uma sucessão de felicidades, e todo o bem, para que por dilatados annos o continue a fazer em utilidade publica, e particular de tantos, que nisso verdadeiramente se interessão, como eu, que com a possivel consideração sou

De V. SENHORIA

O mais reverente, e sincero venerador, e fiel criado,

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

DISCURSO

Não he esta a primeira vez, Senhores, que hum espirito fraco, excitado pelo estímulo, e presença de um motivo poderoso, sahindo dos estreitos limites, que lhe forão prescriptos desde o berço, se abalança a huma empresa sumamente superior às suas forças naturaes. O extremo alvoroço, a profunda sensação de hum prazer extraordinário com a faustissima noticia, que acabamos de receber, avivada, e dilatada neste momento feliz pelo enérgico Discurso do Sábio, e dignissimo Magistrado, cujo zelo patriótico, resplandecendo hoje entre as demais virtudes, que o. caracterizão, nos attrahio a este lugar, abala, e occupa toda a minha alma. Eila porem nao acha meio mais próprio para desafogar os seus sentimentos, e corresponder á honra de tão grato convite, do que, seguindo as mesmas idéas, que elle nos propôz, imitar seu claro exemplo, e com a luz, que recebe delle, demorar mais alguns momentos a vossa attenção sobre o digno Objecto da nossa alegria. Tal he para todos os Portuguezes o Felicissimo Nascimento da Sereníssima Senhora D. Maria Izabel, Infanta de Portugal; Nascimento, em que vemos continuadas sobre nós as bênçãos do Céu, perpetuada a Successão dos nossos amáveis, e Soberanos Bemfeitores, dos nossos Augustos Pais, desem-

penhada constantemente a Protecção Divina, e firmada em novos fundamentos a honra immortal do nome Portuguez, a nossa dita, a prosperidade publica.

E quem duvidou já mais de que todas estas vantagens inestimáveis são o fruto precioso da conservação dos nossos amabilissimos Príncipes? Qual de vós duvidará de que d'Elles depende a da Monarchia? E de que, sendo este o mais feliz, e o melhor de todos os Governos, he, e tem sido sempre a Monarchia Portugueza a mais distincta ou a mais jvita, e a mais gloriosa entre todas? Destes dois principios se deduz toda a felicidade, que hoje logramos: e como he clara, e manifesta a connexão, que tem com o seu Objecto, nelles se estribará também o meu discurso. Discurso breve, e inferior ao seu nobre argumento, digno de outra extensão, e de outra eloqüência, e digno por si mesmo de interessar a vossa attenção. Nada direi, que vos seja estranho, e desconhecido; mas tocando, e suscitando ligeiramente as primeiras idéas deste grande Assumpto, deixarei á vossa reflexão o prazer de as desenvolver, e dilatar.

Apenas o gênero humano, sahindo da infância, perdeu aquella amável singeleza, que os Poetas nos figurarão no século de Saturno, e que os Livros Santos, fieis depositários da verdadeira historia do mundo, reduzem aos remotos tempos de Nenrod; apenas se gerarão as desordens, e os crimes do corrupto fermento das paixões, e crescendo estas sobre as ruínas da justiça primitiva, violarão os sagrados limites, que a mesma estabeleceo a cada indivíduo; apenas se vio perturbada pela avareza, e pela ambição, pelo orgulho, e pela vingança aquella doce tranquillidade, de que gozarão os nossos Progenitores, occupados nos honestos exercicios da sua vida frugal, ou á sombra de frondosos arvoredos, ou no seio pacifico de suas choupanas, entretecidas de ramos, sempre abertas, e patentes entre amor, e o respeito de uma familia simples, e virtuosa, que com a sua innocencia, e temperança lhes servia de muro, e de defeza; apenas se multiplicarão com os mesmos homens as suas misérias, e dividida já em numerosos bandos a grande familia do gênero humano, se vio dilacerada pelos indivíduos da mesma espécie, atacada a sua segurança pessoal, e os seus outros direitos expostos ao insulto, e á violência de

seus irmãos degenerados; achou então que devia perder huma parte da sua primitiva igualdade para conservar as outras prerogativas; e não descobrindo nas urgentes circumstancias do seu estado pervertido outro meio para o melhorar, e diminuir os seus males, reconheceu em fim pela mesma triste experiência, que tinha destes, e pela luz inextinguível da razão, despertada, e socorrida por essa Mão Divina, que em todos os tempos sustentou, e manteve a sua Obra, a necessidade indispensável, que tinha de confiar a sua conservação a huma Authoridade Suprema, a qual servindo-lhe de abrigo na tormenta, e concentrando-se em si a força publica, fôsse ao mesmo tempo a depositaria perpétua dos direitos de cada individuo, o instrumento, e executor do bem geral, a columna do fraco, o freio do poderoso, o vingador do crime, o defensor da innocencia, o protector, e o conservador da honra, da liberdade, da vida, e da fortuna dos outros homens.

Com estas brilhantes qualidades apparecerão os Reis sobre a terra, traçando nella a Imagem Augusta da Divindade, quaes outros Deoses, ou como seus substitutos, e Lugar-Tenentes, e huma espécie de Medianeiros, e Executores dos Decretos Supremos, a fim de supprirem de algum modo a distancia immensa, que ha entre o mesmo Deos, e os homens. Que character! Que esplendor! Que titulo! Que dignidade!

Tal he a origem das Monarchias, e taes são os fundamentos, sobre que apparecerão collocados os primeiros Thronos do mundo, a quem o resto do Universo, por um pacto solemnisimo, e por um concerto assinado em seu nome, e das gerações futuras, offereceo logo o voluntário tributo das suas homenagens, e prestou o indissolúvel juramento de perpetua fidelidade não só á Pessoa Sagrada dos Reis; mas até aos seus Descendentes mais remotos. Assim se devia retribuir, e ao mesmo tempo estimular a virtude desses Gênios escolhidos, que pelo amor do bem publico se sujeitarão ao pezo immenso do Reinado: Assim se devião logo separar dos mais viventes essas famílias privilegiadas, cujos individuos, anticipadamente destinados para tão grande fim, aprenderião desde o berço a fazer felices aos outros homens, a vellos, e amallos, como filhos:

Assim superiores pelo seu estado, e educação a certas paixões vis, e grosseiras, que produz a rivalidade, e que a igualdade nutre, olharião como próprio todo o bem da-quelles, de cuja conservação depende a sua, e de cuja prosperidade a sua gloria, cuidando em os deixar, e transmitir contentes, e affortunados, como huma herança a mais preciosa, aos Successores do seu Throno.

Já vedes, Senhores, que eu não fallo aqui senão das Monarchias Hereditárias, a quem só quadrão estes brilhantes caracteres. Eu vos fallo desses Governos tão solemne-mente instituidos, tão respeitáveis pela sua ancianidade, qualificados pelo mais irrefragavel dos testemunhos, firmemente estabelecidos no consenso universal de todas as gentes. Aqui reforçaria o meu discurso, e se acaso não temesse fatigar antes de tempo a vossa attenção e faltar á prometida brevidade, aqui multiplicaria provas, e faria ver em toda a extensão os motivos, e vantagens, que exaltão, e firmão solidamente esta fôrma de governo sobre todos os outros, em que depois se evaporou a volubidade humana, e o espirito de ambição, e de novidade.

Conduzido pela luz da razão, e da historia, e firmado na autoridade dos Publicistas mais graves, eu vos mostraria que elle, e nenhum outro succedeo immediatamente, e conserva ainda, por hum modo eminente, aque lies governos justos, e primitivos, que a sabia natureza estabeleceo entre as familias de nossos Pais, relativamente aos Chefes, e primogênitos de cada huma: Mostraria que simples nos seus principios; seguro, e recatado nos seus planos; prompto efficaz, e livre na execução delles; he ao mesmo tempo o mais próprio, e análogo á constituição fysica, e moral do mesmo homem, cujos actos dependem sempre de hum movei, e de hum só principio, que o determina: Mostraria que só elle rasteja, e imita de algum modo a força, a unidade, a ordem, e aquella acção rápida, poderosa, e simplicissima, com que o Ente Supremo desde o alto do seu Throno magestoso rege, e modera o Universo: Mostraria que instituido assim pela razão, e pela natureza, e consagrado pela Religião, he elle em fim o menos susceptível dos vicios da frágil humanidade, e o mais capaz de preencher o seu alto fim, e de produzir a felicidade.

Mas consultemos a experiência, e seja ella a nossa guia: voltemos os olhos para os séculos, que nos precederão, e vejamos o que se passa ainda hoje diante de nós mesmos. E que vemos, Senhores? Innumeraveis povos mutuamente dilacerados, e destruidos; Republicas inteiras sepultadas debaixo do enorme pezo da Aristocracia, e da Democracia; governos sempre inquietos, e agitados, bem como as vagas,

e tumultuosas ondas do mar, onde reina, e preside o furor, o espirito de partido, as facções, rivalidades, discussões eternas; onde custa muito o ser virtuoso; e onde a ambição, e avareza particular, o orgulho, a vingança, e as demais paixões soltas, e em campo aberto, tirando todas as vantagens possíveis de huma authority precária, opprimem aos seus Concidadãos, e para perpetuar, e firmar a própria fortuna, e a de seus netos, à custa de milhares de infelices, sacrificão-se, degollão-se estes, para com o seu sangue nutrir, e cevar aquelles. Fluctuando sempre no pélagio immenso dos excessos, e do enthusiasmo, depois de cahirem por intervallos nos desvarios e horrores da Anarchia, se precipitão finalmente, e vem a perecer entre os ferros do cruel, e ensangüentado despotismo. Por isso houve já quem dissesse que só no Céu se poderia formar huma republica justa, igual, permanente, e verdadeiramente livre; porque só lá he que os homens, soltos já das pezadas cadêas do crime, e isentos dos prestígios do espirito, e do coração, contentes nos seus limites, respeitarão nos outros os direitos de cada hum, e unirão perfeitamente os seus sentimentos para o bem, e conservação de todos. E se na terra he tão difficil achar-se hum homem justo, e virtuoso, como se acharão nella muitos? O testemunho de todas as idades assás o comprova. Athenas, Esparta, Thebas, Carthago, Syracusas, e tu, soberba Roma, onde estão os teus triumphos? Esse Capitólio pomposo, que dommava os Reis, e o Universo, sepultou nas suas minas a tua gloria, o teu império, e a tua altiva liberdade.

Mas para que me demoro em buscar, e referir exemplos tão antigos, se á nossa vista se offerece a prova mais forte, e terrível dessa verdade? Que males, e que horrores não tem causado!... (1) Que rios de sangue, e de lagrimas!... Mas suffoquemos por ora o nosso pranto; apartemos os olhos deste spectaculo de dor, occupando-nos somente, e applaudindo hoje a singular felicidade, de que gosamos.

(1) Sabendo-se o anno, em que foi feito este Discurso, e os acontecimentos funestos, e assás públicos daquelle tempo, he fácil entender-se a que elle se refere neste lugar, e em outros semelhantes.

Basta decorrer por todas as Monarchias antigas, e modernas, que florecerao á face do Universo, para vêr quão feliz, e differente se mostrou sempre a sua sorte. Não penseis porém que me confundo, e que eu entendo debaixo deste Nome Augusto, e respeitável aquelles Governos infelizmente arbitrários, onde reina o capricho; e onde a vida, a honra, e o destino de tantos milhares de Cidadãos dependem só do temperamento, das inclinações, dos vícios de hum Senhor despotico, e tyrano. Seja para sempre detestado o seu sceptro, o sceptro da tyrannia: seja banido, e desterrado para os confins desses bárbaros climas, onde desconhecida ainda a dignidade do homem, perpetua a ignorância o seu jugo infame sobre milhões de escravos desgraçados. Eu fallo, torno a dizer, das Monarchias justas, fundadas na equidade, e na razão; dirigidas pelas Leis, (1) auguradas pelos vivos, e aclamações de hum povo grato, e affortunado; e consagradas finalmente pela Religião. Estas são as de que fallo, e as que, fazendo em todos os tempos a felicidade das Nações, que governarão, devião ser eternas para bem das mesmas. E qual foi aquella, que não floreceo longo tempo à sombra destes Thronos benéficos? Que face mais brilhante! Que grandeza! Que succéssos! Que triunfos! Diga-o a Germânia, a Grão-Bretanha, e a Hespanha: Diga-o também esse por mais de doze séculos florentissimo Império dos Clodoveos. Mas oh memória importuna! Triste, e fatal cadêa dos destinos humanos! Diga-o porém, e diga-o sempre por todas, a bella, a venturosa, e invencivel Lusitânia. Nós não precisamos de outros exemplos, e testemunhos; pois achamos neste só as mais illustres, e sobejas provas, que felizmente concluem o meu argumento.

E por tanto, se as monarchias em si mesmas, e entre todos os Governos forão sempre os mais affortunados, e vantajosos, que direi eu daquella. que ás prerogativas geraes ajunta outras, que própria, e singularmente a distinguem, e que sustentada por uma constituição optima, e felicissima, que os tempos não tem podido alterar, foi particularmente fundada sobre as bases sólidas, e firmes da Religião e da

(1) Nesse tempo já o Autor queria a Mon archia constitucional.

virtude. E quem não reconhece logo a estes caracteres a Monarchia Portugueza?

Sim, Senhores, a Religião, essa Luz Divina; preciosíssimo dom da Divindade para socorro, e consolação dos fracos mortaes; a Religião, sem a qual he o homem nada mais do que hum ente desgraçadissimo, a sociedade humana hum banho de feras, e de anthropófagos; essa, que so pode produzir a virtude, e suffocar o crime; que ensina, prescreve, e limita os direitos, e os deveres de cada hum; que obriga o subdito a respeitar, como deve, ao superior legitimo; que inspira a este o amor mais terno para com aquelle; que equilibra as condições; regula a liberdade; anima, defende e castella o fraco; assusta, refrêa, e desarma o poderoso; e formando a ordem, e harmonia publica, produz, e mantém a prosperidade geral, e particular dos individuos, e das nações; a Religião, digo, foi sempre o movei, e a divisa do esclarecido Império Portuguez, cujos religiosíssimos Soberanos nunca se guiarão por outras máximas, nunca adoptarão outra politica.

Nascendo entre os braços da victoria, e da Religião (1) no Illustre Campo de Ourique, seu famoso berço, desde então até hoje tem crescido, e tem prosperado á sombra dai suas azas. Eila tem feito em todos os tempos esta Nação tão gloriosa; traçou todos os planos do seu

estabelecimento; dirigio os seus successos, na paz dictou Leis Santíssimas; consagrou na guerra os seus triunfos, e levando o nome, e a gloria Portugueza desde huma até outra extremidade do Universo, conduzio os seus Heroes —

(1) Nós não pretendemos entrar em duello, e disputa com alguns críticos modernos. Basta que o facto, a que nos referimos, não seja impossível, segundo os principios da nossa crença; e que elle se ache authorisado por vários testemunhos coevos; por muitos monumentos, que o confirmão; pela asserção uniforme de graves Historiadores; pela tradição Nacional continuada até nós; e pela opinião publica, pará que possa, e deva ter lugar em hum quadro Oratório, tal como este; cuja verosimilhança subsistiria, ainda quando se provasse o contrario; pelo que respeita is circumstancias; porque em substancia sempre será verdade que a Monarchia Portugueza deve i Religião os seus principios, e estabelecimento, de qualquer modo que este se considere, como também o seu progresso, duração e gloria (n. do A.)

por mares nunca (Tantes navegados — às mais árduas emprezas; mostrou ao mundo admirado novos climas; diffundio nelles a luz, e desterrou as trevas, que os enlutavão; e arvorando com respeito a Cruz triunfante nas Regiões mais barbaras, e desconhecidas, fez tremolar ao pé delia sobre os seus muros as Quinas victoriosas de Portugal. Eila he finalmente a que exalta e acompanha constantemente no Throno a todos os Monarchas Portuguezes; e a que inspirando-lhes sentimentos sempre justos, e suaves a respeito dos seus vassallos, ou verdadeiros filhos, lhes tem igualmente merecido da parte destes, como huma herança particular, e benção do Céu, a obediência, o respeito, o amor, e a mais pura felicidade. Oh venturosa Monarchial Nação distincta! Felices Soberanos! Felices povos!

Nós o sabemos, Senhores, e cada num de nós tem em si mesmo todas as provas desta verdade consoladora, fundada em factos innumeraveis. Todo o mundo os sabe igualmente com nosco, e cheios de assombro, e de huma nobre inveja nos apontão, e assinalão com o dedo. Embora o espirito do erro, disfarçado com o trage, e nome impostor de huma nova, de huma atroz Filosofia, arvorando em huma das suas mãos o funesto Estandarte da revolta, com a mágica Inscricção dos Direitos do homem, que apregoa, e que inculca a todo o Universo, em quanto com a outra lhe descarrega o golpe mortal, e nada menos tenta do que a destruição do mesmo homem e de toda a sua espécie: embora derrame por toda a parte o seu mortífero veneno, e vomite da horrível garganta lavas de sangue, e de fogo, que inundão, que affogão, e devorão mil povos desgraçados; e derribando Thronos, e Altares, se esforce, e pretenda sobre as suas minas fundar o monstruoso Império da Irreligião, e da Anarchia. Devemos sentir os males dos nossos semelhantes; mas não temamos. A Religião, Senhores, a Religião somente obstará entre nós, qual muro de bronze, a todos estes males. A ella devemos toda aquella doce paz, de que gozamos ha tantos tempos, e que ainda nestes últimos nos não tem podido roubar de todo os abalos da concussão universal; a ella devemos a tranquillidade interna no meio mesmo da tormenta; a ella aquelles vínculos indissolúveis, que ligão reciproca, e estreitamente os Soberanos com os

seus povos; e a ella finalmente aquella harmonia perenne, que vemos reinar com prazer entre o Império e o o Sacerdócio.

Digna, e Soberana Mãi de tudo que he útil, honesto, decoroso, e grande, nesta fonte pura he que os Augustos Reis de Portugal beberão, e aprenderão todas as virtudes, que os caracterizão, e que fazendo ha perto de sete séculos hum dos fundamentos mais sólidos do seu Throno, formão as delicias, e a felicidade de seus vassallos. Se consideramos o zelo, que mostrarão sempre para conservarem illeso o Sagrado Deposito da Fé, para sustentarem, e propagarem o verdadeiro Culto; e se olhamos para tantos outros monumentos da sua Piedade sublime, elles lhes merecerão o singular Titulo de Fidelissimos: se contemplamos as suas virtudes intrépidas, e militares, que immenso, e vasto campo se não offerece! Se admiramos as suas virtudes políticas, e sociaes, eu me perco, Senhores, neste pélogo de maravilhas!

Em quanto com huma das suas mãos, obrando prodígios de valor á frente de esquadões guerreiros, debellão bárbaros Reis, e acabão de livrar a Hespanha do seu jugo pezadissimo, com a outra, depois da victoria, tração esses planos justos de Legislação, que farião perpétuamente felizes os seus povos. Em quanto firmão a Monarchia com o próprio sangue, e fixão a admiração, e o respeito das Nações vizinhas, extendem o seu Sceptro, e a sua fama além dos mares conhecidos. Ásia, e África correm já a offerer-lhes os seus tributos. Hum Novo Mundo, abrindo o seu seio até alli recôndito, patentêa os thesouros, que encerra e desentranhando-se em riquezas, e preciosidades, esmalta com ellas a brilhante Coroa dos Augustos Descendentes de Affonso, e adorna os louros dos seus famosos Descobridores. Todas as quatro Partes em fim, penetradas de justo assombro, e obedientes a hum Sceptro tão digno de reinar sôbre todos os do Universo, concorrem a fazer célebre o Nome Portuguez, cujas emprezas, e trabalhos, arguidos de temeridade por aquelles, que os não podião imitar, não limitando a si somente os seus maravilhosos effeitos, passarão a illustrar, e felicitar outras Regiões, e outros povos, que delles se aproveitarão, e aprenderão; e seguindo as pizadas dos nossos, caminharão pelo trilho, que estes

abrirão com o seu sangue, e os seus suores, ainda hoje lhes devem a parte principal da sua fortuna, e da sua opulencia

(D.)

Aqui florece a Agricultura, alli se dilata o Commercio; a industria o vem já seguindo; as Artes, e as Sciencias crescendo, e extendendo as suas luzes entre o estrepito, e o brilhante esplendor das armas, ostentarão á face do Universo toda a sua gloria; honrando aos Naturaes, admirarão aos Estranhos; e illustrando a Monarchia desde os formosos, e doirados dias do Grande Manoel, mostrarão ao mundo que nella reinavão de mãos dadas Minerva com as Musas; o Deos dos combates, e o Gênio da paz. No seu seio se formarão, e se formão ainda hoje esses Heróes, que em todos os tempos farão honra a hum, e outro; os Albuquerquees, os Barros, os Gamas, e os Camões; tão dignos da sua fama, e dos louros immortaes, que huns aos outros fabricarão.

E não. lhes basta esta gloria? Não basta esta para que, distinguindo-a singularmente de todas, constitua a Monarchia Portugueza tão sólida, e feliz, quanto he todo aquelle povo, e Paiz, onde impera a razão; onde reina a Filosofia unida á Religião, as Letras com as Armas; e onde as Musas, moderando o furor de Marte, e humanizando os Reis, e as Nações, produzem costumes puros, virtuosos, e suaves?

Mas a quem, Senhores, a quem deve ella tantas, e tão admiráveis vantagens, senão aos Príncipes Bem-Amados, de que o Ceo, por huma Providencia particular, e constante, lhe fez o mais grato, e precioso presente? Quanto pois se pode dizer em louvor desta Monarchia, faz igualmente o elogio dos seus Monarchas. Elles são como a alma deste grande corpo, cuja vida, conservação, e felicidade, animão, sustentão, e promovem. Dados a huma Nação fiel na effusão das Misericórdias do Todo-Poderoso, esta Geração Real, e escolhida tem sabido com as suas virtudes corresponder á excellencia de tão grandes fins. Amantes sempre

(1) Êste testemunho de honra, e de justiça se firma, e se acha authorisado pela voz universal. Os mesmos Estrangeiros assim o confessão, e publicão, cheios de espanto, forçados pela notoriedade de fados, que não podem negar. Nós nos explicamos no lugar acima quasi pelos mesmos termos de hum dos seus Escriptores: Lafitan. Hist, des Conq. des Portug. L. I dans le Préface, e por toda a Obra, com a qual concordão outros muitos. (Do A.)

zelosos da Justiça, ella mesma lhes tem franqueado o campo para os successivos triunfos da sua Clemência, dessa virtude Suprema, que tanto assemelha o homem á Divindade, virtude de Heróes, virtude Regia, e propriamente característica dos Soberanos Portuguezes. Magníficos sem orgulho; affaveis sem baixeza; compassivos, benéficos, e humanos no meio da grandeza, e da Magestade, que os cerca; Pais, e Protectores dos seus vassallos, elles derão com o segredo de reinar nos corações, fazendo-se amar por gratidão, respeitar, e obedecer por amor. Este foi sempre o mais brilhante distinctivo do seu Sceptro; este o dilatou, e o fez suave a todos os povos, animou, e coroou os trabalhos emprehendidos por elle, á custa de mil perigos, e da própria vida, sempre amado dos seus, admirado dos estranhos, respeitado, e obedecido dentro, e fora do Reino, nos Climas distantes, nas quatro Partes do Universo.

E bem longe de que o giro, e revolução dos séculos tenham podido produzir algum daquelles eclipses, que tantas vezes alterarão a condição humana, e de vez em quando obscurecem a brilhante face dos Impérios, o tempo só tem servido para esclarecer mais a este, propagar, e perpetuar as virtudes dos Soberanos Portuguezes: taes como os grandes, e caudalosos rios, que quanto mais se apartão da sua origem, tanto mais alargão a sua foz soberba, tanto mais engrossão e dilatão as suas correntes. Affortunados Portuguezes, e que provas vos não offerece desta verdade a Real, e firmissima Casa Reinante, o Nome Augusto de Bragança?

Este tronco Regio, cujas raizes, passando sempre por entre Thronos, se entranhão, e tocão na mais alta profundidade dos séculos, cujos ramos se enlação com outros tantos Sceptros, quantos são os que tem dado ao mundo; cujo excelso cume chega já aos Céos; e cuja copa florida, e magestosa serve de abrigo e de refugio a tantos povos sôbre a terra; este Tronco sagrado, que brotou da Semente mais pura, tem cada vez melhorado, e aperfeiçoado mais os seus frutos: affortunados Portuguezes, e onde ha Principes como os vossos? Onde ha principes como estes? Possuindo e reunindo em si todas as virtudes, que divididas caracterizão aos Senhores Reis passados, seus altos progenitores: se

minha lingua as pertendesse enumerar, perderião sua grandeza; seria esta huma empreza mui superior ás minhas forças, e a tão pequeno discurso; e seria huma injuria para a vossa gratidão. Eu fallo com os meus Compatriotas, e todo o mundo tem já lido nossas historias.

Portuguezes, vós o sabeis: vós sabeis que a elles, ou ás suas virtudes deveis os doces frutos da preciosa liberdade, depois de terem quebrado, e despedaçado com as suas mãos triunfantes os pezados ferros, que vos opprimião: sabeis que delles vos livrarão á custa de mil perigos, e do sacrificio difficil do seu descanso, e da própria vida, com a sua prudência, com o seu valor, e com a sua Pessoa Sagrada; sem a qual. desfalecida a vossa, nada ousaria intentar, faltavos-hia a alma, e o estímulo para huma das maiores emprezas, que vio o mundo, e ficarião assim desarmadas, e maniatadas sempre as vossas mãos valerosas: a ellas deveis a perpetuidade de huma Monarchia, que faz, e fará sempre toda a vossa felicidade: a ellas a conservação, e o augmento do vosso estado actual, e florente: a ellas, a ellas finalmente, por complemento de tudo, o melhor, e o mais glorioso dos Reinos, e Reinado immortal de Maria I. Que nome! Que Maravilha!

Jactem-se embora as Nações estranhas de alguns dos seus Príncipes mais famosos: nós até contamos huma Heroína entre os nossos. E se os grandes Reis, dom precioso do Céu, formando nos annaes do gênero humano a baliza das épocas, forão sempre na historia hum objecto admirável, e interessante, que será aos olhos do Universo, e da posteridade huma Illustré, e Grande Rainha! Huma Rainha, que unindo ás virtudes mais puras, e amáveis do seu sexo todas as virtudes sublimes dos maiores Imperantes, tem collocado o seu Nome, e o Reinado a par das Isabeis, das Christinas, das Márias Therasas, e das Catharinas; igual a estas nos talentos, que recebeo; superior no uso que fez delles; e ainda mais rara, e digna de louvor pelos sentimentos sempre constantes de Justiça, de Beneficência, e de Piedade, que a caracterizão Mortaes de todas as Regiões, e de todos os Climas, vinde prostrar-vos aos pés do seu Throno, vinde render-lhe o tributo das vossas homenagens, e vinde ver, e admirar de perto no Principe adorado, Augusto Herdeiro

do seu Sceptro, e das suas virtudes, e legitimo Successor de tantos Reis esclarecidos, o digno Filho de tal Mai, o novo Depositário da nossa felicidade.

Cheio dos principios mais justos, e sublimes; dotado de hum coração recto, e de huma alma nutrida, e habituada no bem; com que prazer, e maravilha o não temos visto repetir os seus ensaios; ou antes verdadeiras provas, na grande, e difficil Arte de Reinar! Com que acerto, e firmeza não tem regido o pezado leme da Monarchia nestes tempos tão tristes, e tormentosos! Que promptas, e sabias Providencias! E ao mesmo passo, que Graças não derrama continuamente sobre milhões de vassallos na occasião mesma em que parece esgotar-se a fonte dellas nas urgências mais indispensáveis do Estado! E finalmente, que zelo, humanidade, moderação, e que piedade.

E se Déos, pelos seus profundos, e impenetráveis Juízos, costuma punir, ou premiar nos povos as virtudes, ou os crimes dos que os governão, e dos seus Príncipes, quantas razões não temos nós de attribuir aos nossos toda a felicidade de que gozamos, e particularmente esta, que hoje tanto nos interessa? Unido pelos vínculos mais Santos a huma Princeza amável, e digna d'Elle; o Ceo, que muitas vezes começa a remunerar o Justo sobre a terra; o Ceo que teceo, e formou a benção de fecundidade, a fim de que, fazendo d'Elles o instrumento das suas Misericórdias sobre hum povo escolhido, renovasse com este o seu antigo apcto, e não percesse já mais da ce da terra a fiel Posteridade de hum novo David.

E de que males nos não livrou EUE por este modo? Lembremo-nos, Senhores, desses tristes dias de afflicção, e de susto, em que o mesmo Céu parecia surdo, e inaccessible ás nossas supplicas, e se murchava aquelle Tronco antigo, e magestoso, de cujos altos ramos pendeo sempre a felicidade Portugueza: por esses sustos regulemos agora a nossa alegria; e pezando na mesma balança dos males, que então temíamos, o inestimável bem, de que hoje gozamos, multipliquemos as demonstrações do nosso júbilo, vendo na Sereníssima Infanta, cujo feliz Nascimento celebramos, segura, e cada vez mais firme a duração de hum Governo o mais justo; e de huma Monarchia a mais gloriosa; com-

pletos os nossos votos; renovadas as nossas esperanças; prosperados, e perpetuados os amabilissimos Príncipes, de quem tanto dependem os nossos destinos sobre a terra.

Seja pois o nosso amor, e ternura para com Elles quem forme agora o precioso thuribulo, e offereça ao Todo-Poderoso e incorruptível incenso das nossas Accões de Graças. Corresponda deste modo a nossa fidelidade constante, e perpétua aos Soberanos desígnios, e mercês successivas da Providencia. Sejam sempre Portuguezes: amemos aos nossos Príncipes; reconhecendo, e confessando com Plinio, que he este o maior bem, a dádiva mais excellente, que recebemos da Divindade: *Nullum praestabilis, et pulchrius Dei munus erga mortales, quam gustus, et Sanctus, et Deo simillimus Princeps.* (1).

(1) Plin. Panegy. adTrajanum.

**A Mamaluca Maria Barbara, mulher de hum soldado,
cruelmente assassinado no caminho da Fonte
do Marco, perto d'esta Cidade
de Belém, por que preferio a morte á mancha de infiel
ao seu espozó**

SONETO

Se caso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadáver feito, Leva
piedoso com sentido aspeito Esta nova
ao espozó afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, já sujeito O
tronco fêo ao corvo altivolante:

Que d'hum monstro inhumano, lhe declara A
mão cruel me trata desta sorte; Porém que
alivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve huma consorte, Que
por honra da fé que lhe jurara, A' mancha
conjugai prefere a morte.

**Em louvor da nova Caza para deposito de pólvora,
que o Governador e Capitão General do Estado do Pará
mandou construir
em huma das margens do rio Aura fora desta
Capital, para a livrar dos perigos de incêndios**

SONETO

Do sacro Olympo os deoses superiores,
Vendo já terminada a empreza clara, Que
ao Aura dá valor, e á nós ampara, Lhe dão
justos, magníficos louvores:

Juno louva a grandeza e seus primores,
Minerva admira a estrutura rara, E Marte
ali deposito prepara De instrumento fatal de
seus furores:

A mesma branda Venus, e Cupido Se
alegrão (quem tal crera!) e pará vèlla
Lindos ranchos já sei que tem trazido. (1)

Só Jove não applaude obra tão bella, Por
que já do seu raio retorcido O Pará se não
teme, depois delia.

(1) Varias senhoras que forão vêr a nova Caza.

**Dignando-se o Governador e Capitão General
D. Francisco de Souza Coutinho aparecer com
uniforme de simples soldado
em parada de mostra
do 2º. Corpo auxiliar, por Incentivo a honra
aos brios dos milicianos**

SONETO

Não vence o General, que na batalha Só
mostra brios em trazer bordados Ricos
telizes, elmos emplumados, Luzentes
armas, e lustroza malha;

Mas sim aquelle, que fiel trabalha Em
inspirar magnânimo aos soldados O puro
amor da gloria, despresados Os fúteis dons
que a mão do tempo talha

Assim Coutinho illustre, que vestido
Vem de uniforme simples e ligeiro, Fama
nos dá, e exemplo esclarecido.

Honra-te, ó Terço (1) desde já o primeiro,
Que, se em Souza outros tem Chefe subido,
Tu o contas também por companheiro.

(1) Nesse tempo os corpos de milícias auxiliares se denominam vão Terços, e o Autor era official daquelle em que se apresentou o General.

Ao Governador e Capitão General do Estado do Pará
D. Francisco de Souza Coutinho,
sendo promovido ao poeto de Capitão de Mar e Guerra, na
occalão
doa primeiros movimentos
da Europa a cerca da Revolução Franceza

SONETO (1)

Sangues, mortes, incêndios vomitando;
Sahe do averno a Discórdia regicida, Que a
Europa, de mil males opprimida, Vai em
tristes ruinas sepultando.

Todos se aprestão, cada qual buscando
Resistir, e salvar a Pátria, a vida: Sôa
d'Austria a trombeta retorcida, E já Sardos, e
Prussios vão marchando.

De Britannos baixeis o mar se cobre; E, em
tanto estrago, Lysia acautelada Arma
também o empavesado Pinho.

E, p'raque seu respeito então se dobre,
Ajunta aos Capitães da forte Armada O
grande Nome, o Nome de Coutinho.

(D foi impresso em Lisboa no anno de 1793.

A hunt passarinho, quando o Autor soffria vexações

SONETO

Passarinho, que logras docemente Os
praseres da amável innocencia, Livre de
que a culpada consciência Te afflija
como afflige ao delinqüente.

Fácil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providencia; Sem
fucturos prever, tua existência He feliz,
limitando-se ao presente.

Não assim, ái de mim! porque soffrendo A
fome, a sede, o frio, a enfermidade, Sinto
também do crime o pezo horrendo.

Dos homens me rodea a iniquidade, A
calumnia me opprime; e, ao fim tremendo, Me
assusta uma espantosa eternidade.

**Ao Snr. José Eugênio de Aragão e Lima, Professor de
Philosophia, amigo do Autor, quando elle foi perseguido,
preso e desterrado**

SONETO

Em quanto o molle Syberita treme Da
desgraça co' o simples pensamento; O
Varão forte, sem perder o alento, De
arrostar-se com ella nao, não teme:

Entre cadêas e grilhões, não geme;
Mas armado de heróico soffrimento,
Livre a alma, conserva o peito isento
Na fomalha, no potro, e na trireme.

Tal Eugênio presado, tu, que unindo
Com a sãa Philosophia a Crinstandade,
Dos jogos da fortuna te estás rindo.

E das fezes da negra adversidade,
Qual provido Mineiro, colligindo Ricas
virtudes, solida piedade.

Aos annos da Exm." Condeça dos Arcos, em 1804 e
offerecido **ao Conde seu filho, Governador e Capitão
General do Estado do Pará**

SONETO

Nio só do Tejo os immortaes cantores
Alegres hymnos a teu nome entoão, Também
nas margens do Amasonas soão, O' preclara
heroína, os teus louvores.

Se aquelles de teu berço os resplandores
De perto admirão, entre nós resoão As mil
virtudes, que brilhantes c'roão Os dons que
herdaste, as graças, os favores.

Elles virão nascer teu claro dia;
Mas nós vemos aqui o doce frueto,
Que o Céu, de ti nascido, nos envia.

Oh! quanto te he devido este tributo! Pois
que de ti nasceo nossa alegria, Nasce a paz;
nasce o bem que hoje desfrueto.

**Aos gloriosos successos du Armas na restauração de
Portugal, depois da invasão dos Franceses, e pelos
feitos dos briosos Paraenses na Conquista de Cayenna**

Do Luzo Invicto as Armas Triunphantes (1)

SONETO (DE
IMPROVISO)

Os crimes innundavão toda a Terra, E
vários monstros no Averno concebidos, Na
Córsega e no Sena produsidos, A' todos os
mortaes fazião guerra.

A impiedade, a perfídia, e o mais que encerra
Pandora nos seus Cofres denegridos, Entre
lugubres àis, entre gemidos, Da face do
Universo a paz desterra.

Porém, á tanto mal, o Céu, que he justo,
Já põem termo, suscita mil Atlantes, Lopes,
Silveiras, Palafox sem susto.

Suscita outros Heroes da Pátria amantes, E faz
que brilhem no Brazil adusto Do Luzo Invicto
as Armas Triunphantes.

(1) Inscricção em uma pequena bandeira, que com as
armas reaes, sôbre um Castello de confeitaria se achava no
centro da meza de doces, que o Governador e Capitão
General do Grão Pará deo aos Convidados no Palácio do
Governo em o dia dos Festejos pelos sobreditos successos. E
nessa oceasião o Autor com enthusiasmo improvisou o
Soneto acima.

**No Anniversario do Príncipe Regente á 13 de Maio de 1809,
2.º depois de sus vinda ao **Brazil**,
e 1.º da Conquista de Goyanna Franceza, pelas
Armas Portuguezas
desta Capitania do Grão Pará, que o Governador
e Capitão General José Narciso de Magalhães e
Menezes expedio**

SONETO

Neste dia, o mais bello, em que de perto Te
vio, qual Phebo, renascer jucundo, Cheio de
gloria e luz o Novo Mundo, Hum puro amor, 6
Príncipe, te offerto.

O Grão-Pará, de júbilo coberto, Abre seu
peito em producções fecundo; E, com zelo e
respeito o mais profundo, Te offerece provas
mil, tributo certo:

Os bens, o sangue, a vida te offrece; Mas,
sobre todos, Magalhães sublime O Teu Sceptro
magnífico engrandece:

Em todos seu valor, seu gênio imprime: Já
Cayenna, Senhor, te reconhece, E o Nome de
João Augusto exprime.

**Ao Snr. Alexandre de Souza Maiheiro de Menezes,
Intendente da Marinha do Pará, e Capitão de
Fragata d'Armada Real, na
ocasião em que foi promovido a este posto**

SONETO

O nobre sangue teu, gênio claro, Talentos e
valor, já conhecidos, N'um pólo, e n'outro em
factos repetidos, Do Francez bellicioso, e Mouro
avaro;

Não são, Maiheiro illustre, o que mais raro Em
ti contemplão hoje enternecidos Os Paraenses,
todos convencidos Do teu singular mento
preclaro.

Hum peito bemfeitor e generoso,
Sensível coração, huma alma pura:
He este sim teu brazão honroso.

Por elle o Céu te leva â mór altura; E
eu, entre todos, grato e sonoro Te
levarei além da sepultura.

Ao IUm.º e Exm.º Snr. Martinho de Souxa
e Albuquerque, Governador e Capitão General
do Estado do Pará, achando-se á banhos fora da Capital

IDYLLIO (1)

1º.

**Hum dia, que apressado O manso gado
trouxe ao seu aprisco, Por poder socegado
Hir banhar-me no rio, sem o risco Da Onça
tragadora, A cria vir roubar-me 4 mesma
hora.**

2º.

**Quando já mergulhando Nas ondas té ao
centro m'entranhava, Ou sobre a água
olhando O delphim nadador arremedava; E
em tanto o claro dia Cos esforços da noite
mal podia.**

3º.

**À praia me recolho; E, tomando o
vestido, num murmurinho Sinto da
esquerda! olho: He um bando de Nymphas,
que o vísinho Igarapé descendo, Com pressa
ao largo rio vem rompendo.**

(1) He huma das primeiras obras do Autor.

4°.

Queto me ponho a ou vil las, Por ver
o que dizião, pois f aliando Entre si
vem: sentillas Fácil me foi; mas eu
vou duvidando, Que acertar possa o
fio Das cousas, que dizião pelo rio.

5°.

«Vamos, 6 Nymphas, vamos «Render ao
Maioral nossa homenagem. «Parece que
tardamos! «Eiapois, avistemos a paragem,
«Onde o Chefe Subido «Há dias, por
doença, está dendo.

6°.

«Estamos aqui juntas «As Nymphas
tutellares destes rios, «E vem-nos adjuntas
«Muitas que os lagos tem por senhorios:
«Todas Martinho honremos, «Faça-mos,
Nymphas, tudo o que devemos.

7°.

«As agoas mais sadias «Pará qui n'alta
enchente encaminhadas «Sejão, e nestes
dias «As flores junto ao banho
amontoadas: «Os ventos chamaremos,
«E, que brandos respirem, lhes rouguemos

8°.

Humas assim dizião; Porém
outras, parando concertavão Os
versos que trazião,

Em que o bom Maioral muito louvamos;
 Aquellas afinando
 Os retorcidos búzios, e cantando:

9°.

Já huma entoa, como Havia o
 bom Martinho navegado O
 Amasonas, e como O Guamá,
 Tocantins há visitado, E á mil rios
 distantes Por ver, e dar auxilio aos
 Habitantes!

10°.

Cantão outras Deidades, Como
 fora com festas recebido; E quantas
 saudades Os povos de seos rios tem
 sentido Depois; como se sente A
 nova da moléstia impertinente.

11°.

Promettem logo aquellas, Qu'em
 melhorando, ao Deos da Medicina Tem
 de levar Capellas Da branca
 sumaúmeira, muito fina. Cos ramos
 enlaçados D'umiry por cheirozos
 procurados.

12°.

«Oxalá que depressa «As Tutellares
 Deosas destes rios «Cumprão sua
 promessa... Clamei então; mas ah! meus
 votos pios As Nymphas assustarão!
 Todas ao seu destino se apressarão.

IdOu
em louvor do **DI.^o** e Exm.^o **Snr. D. Francisco**
de Souza Coutinho,
no dia em que se festeja
o Annivef sário de sua Posse do Governo deste Estado

INTERLOCUTORES

TIRSENO, E ALBENIO

Serranos deste Contorno (1)

ALBENIO

Deixa Tirseno a vã a melancolia, Que
sempre traz tão lividos teus olhos: Que fazes,
em logar tão solitário, Mudo e triste pensando?
Não te movem Os prazeres, que occupão neste
dia, Neste dia ditozo a nossa Aldêa? Assim
chegando junto de Tirseno, Albenio lhe dizia, o
bom Albenio Pastor honrado, e hum dos mais
polidos De grande authoridade entre os
Pastores, Que habitão sobre as margens do
Amazonas, E em gados, e cazaes mui
opulento. Desse mesmo contorno era Tirseno,
Serrano inda mancebo, a quem os fados Por
alta permissão do Céu Supremo, Deixarão sem
haveres, e cabana: E os grossos cabedaes, que
possuião

(1) Com o nome de Tirseno se disigna o Autor d'este
Idyllio, e com o de Albenio o Coronel Ambrósio Henriques,
festeiro, que foi quem pedio ao primeiro que em trez dias
fizesse alguma obra para essa noite.

Seos Avós, n'outro tempo afortunados,
 Enchente furiosa lhos levava:
 Porém o mesmo Céu, que sempre justo
 Os seus dons distribue, se lhe negara
 Esses bens, compensal-o quiz, com outros,
 De tanta disventura: Concedeo-lhe
 Huma alma honrada, e amiga da virtude,
 Sensível pará o bem, fiel, e grata;
 Deo-lhe, além disso, o dom, que os bons estimão,
 De cantar ou com lyra, ou doce flauta
 Sonoros versos, que já muitas vezes
 Tem soado nas margens do Amazonas,
 Rompendo-lhe o seu rústico silencio.

Hum dia pois, que já o Sol luzente,
 Cansado da carreira, procurava Repousar-
 se nas ondas somnolento; Quando já no
 Orizante avermelhado, Perdido o resplendor
 ao meio-dia, Apenas frouxos raios estendia,
 A que os mortaes olhavão sem receio: Huma
 tarde, serena, e socegada Do mez de Junho,
 em que na Zona ardente Os calores, que a
 gente matarião, Por ley da previdente
 natureza, São com chuvas benignas
 temperados: N'uma tarde assim fresca
 reclinado Tirseno estava sobre a verde relva,
 Junto á borda do Rio dilatando Os olhos
 seos, que apenas se movião, Pela longa
 planície prateada. Esta vista agradável,
 porém triste, Inda excitava mais seus
 pensamentos, E sua alma fartava (cousa
 estranhai) D'uma tristeza plácida, e suave.
 Tal era pois o sitio, em que se achava O
 Mancebo Tirseno, quando Albenio, Junto
 d'elle chegando lhe fallara; E, posto que
 sentisse interrompido O ver-se deste
 modo, todavia,

Como Albenio estimava, o vulto erguendo,
Depois da cortesia costumada, Deste modo
responde o bom Tirseno.

TIRSENO

Salve, Albenio ditoso, os Céos te mostrem
Sempre os dias serenos, e risonhos, Livres da fêa
nuvem da desgraça, Que a tantos infelizes triste
assombra. He tão próprio de ti viver contente,
Como em mim sem prazer; pois não ignoras Os
revezes fataes, que a dura sorte Tem sôbre o
collo meo descarregado: E inda estranhas o
verme sempre triste Neste lugar dezerto, e
retirado, Entregue a pensamentos magoados?
Vendo estava a desordem, com que as ondas
Entre si mutuamente se combatem; Como a
maior, que vem á mais pequena, Escumante, e
soberba sobremonta: Tal no mundo a desordem
com que os homens, Depois que ao nosso campo
o vicio veio, Huns c'os outros guerreão, mais
que feras! O poderoso, e forte opprime ao fraco,
Quando he injusto, e a perfidia calumnia Faz
com que muitas vezes se não ouça A débil vóz
da cândida innocencia.

ALBENIO

Deixa, deixa, Tirseno, esses cuidados,
Negros filhos da vil melancolia: O passado
passou, e o Céu benigno Já para ti começa a ser
propicio. Vem gozar do prazer, que neste dia A
sorte nos offrece; vem juntar-te Aos outros
moradores destes campos Na ventura geral
interessado: Deixa, deixa, Tirseno, esses
cuidados Negros filhos da vil melancolia: Aftda,
comigo vem.

TIRSENO

Mas a que parte Me pertendes guiar?
E que prazeres São esses em que fallas?
Qual motivo Este dia os inspira aos
nossos campos?

ALBENIO

Não vistes os Serranos occupados, Em
novos jogos, na carreira, e lucta Pelas ruas
d'Aldêa, há quatro dias? Não vistes a cabana
abençoada De Vinia, e Silvio nessa mesma
noute Retumbando com vozes de alegria?
Bem sabes que três annos ha completos Que
aos nossos campos, Venturosos campos
Chegou, oh grande dial feliz dia! O nosso
Maioral, o bom COUTINHO, O nosso Pai
chegou; e, celebrando D'hum tal dia a
memória, os moradores Deste contorno
festas mil lhe off'recém: Hoje pois que
brilhante Sol renova Aquelle, em que
prudente, dextro, e firme O cajado tomou,
com que nos rege; Eu também obrigado aos
beneficios, Que sua mão benéfica derrama
Sobre mim, um festejo lhe preparo, Dentro
em mima cabana, nesta noute: Pará ella já
correndo vão contentes As mais gentes,
serranas desta Aldêa, De mil festões, e flores
adornadas: Aonia, minha espoza ali recebe,
Cheia d'um prazer puro, o mais sincero, As
lindas convidadas, e os serranos, Em bandos
numerosos concorrendo Pelo mesmo motivo
vão juntar-se. Então, ao som de harmônicos
accentos De flautas, e de adúfes bem
tangidos, Formarão huns c'os outros mil
coréas. Vem tu também, Tirseno, vem juntar-
te

Aos teus ledos amigos: vem, Tirseno;
 E, em honra de COUTINHO, excelso e digno,
 Solta a voz sonora. toma a lyra,
 E canta doces versos: os teus versos
 Gosto nos dão, e já louvados forão
 Pelo mestre Silvano, e o sábio Alexis;
 Se assim fizeres, digo, eu te prometo
 Hum cajado nodozo, e retorcido,
 Que na parte de cima tem gravado
 Do mesmo Grão COUTINHO um bom retrato.

TIRSENO

Basta, Albenio, não passes adiante; D'outro
 incentivo para mim não uses, Senão do nome
 do immortal COUTINHO, Este só tudo vale; a
 virtude Me incanta, e me namora: nada pode
 Melhor servir de alívio ás minhas magoas, Que
 o prazer, de que gozo, quando o louvo, E
 quando descansando do trabalho, Na força do
 calor da ardente sesta, A* sombra da copada
 Sumaúmeira, Versos lhe canto ao som da
 minha lyra; E bem como a saudoza e triste rola,
 Se torna a vêr o amante companheiro, Que
 perdido chorava, as azas bate, E de alegria
 súbita estremece. Assim ficou minha'alma
 apenas ouve Da tua boca o nome respeitado
 Desse Grão Maior al, que aos nossos campos,
 Ditosos campos, tanto bem tem feito. Todo o
 louvor, e applauso lhe he devido, Tudo o que
 passo alegre lhe dedico, E minha vóz, e lyra
 consagrada Ha muito já que tenho aos seus
 louvores. Quanto, quanto és feliz, ditoso
 Albenio, Por poderes mostrar-lhe o quanto o
 prezas! Os Céos novos favores te concedão, E
 sobre teus rebanhos derramando

Novas benções, a par de tua Aonia,
 Vejas os netos sempre Venturosos,
 De ser grato a COUTINHO: em recompensa
 Da tua gratidão, esta alta prova
 Aos mais pastores servirá de exemplo;
 E seguir este exemplo honrado, e justo
 Hade todo o pastor reconhecido.

ALBENIO

Vamos, pois, meu Tirseno, vamos ambos,
 Festejar a Coutinho, e o Céu propicio Lançará
 sobre ti as mesmas benções!

TIRSENO

Sim contente Teus passos seguirei; e teo
 convite De obrigação e gosto me enche o peito:
 Mas, em quanto da noute o véo escuro Não
 cobre a nossa Aldêa, demorar-nos Neste
 mesmo lugar por pouco tempo Não seria o
 peor; pois eu queria Ensaïar umas novas
 cantilenas, Que hoje intento cantar ao bom
 Coutinho; Quanto me péza, quanto, ó meu
 Albenio, Ter espaço tão curto; e já tão tarde
 Ser de ti convidado: Escuta os versos, E depois
 dize teu sincero, e lizo Se merecem cantar-se:
 eu principio.

1

Foge, foge, do meu peito
 Pezada melancolia, Não turbes
 cruel tristeza, Os prazeres deste
 dia.

*Ao alto Coutinho
 Pertendo cantar,
 Serranos, e Nymphas,
 Correi a escutar.*

2

Ao seu nome em reverencia
Deixai-me, ó vãos pensamentos, Cale
o mar os seus bramidos, Não soprem
na praia os ventos.

Ao alto Coutinho &c. &c.

3

Para louvar á Coutinho
Minha vóz empenharei, E
se tanto não consigo Minha
lyra quebrarei.

Ao alto Coutinho &c. &c.

4

Hoje por dita cantamos Três
annos afortunados, Em que tão
bom Maioral Governa os nossos
cajados:

Ao alto Coutinho &c. &c.

5

Que signaes, que maravilhas Se
não virão nesse dia! De faxos, e
luminárias Toda a Aldêa se cobria!

Ao alto Coutinho de. Ac.

6

Os sinos da Freguezia
Por si mesmo repicarão, E
dos concavos rochedos Mil
estrondos ressoarão.

Ao alto Coutinho &c. &c.

7

Estes presagios, indícios
 Erão daquela ventura, Que hoje
 temos; most ra vão Á nossa dita
 futura.

Ao alto Coutinho &c. &c.

8

A' sombra do seu cajado Já
 repousão socegadas, Sem temer
 a voraz Onça, Nossas timidas
 manadas.

Ao alto Coutinho &c. &c.

9

Do salteador inimigo Novos
 muros nos amparão, Novos
 corraes, novas obras Já nossos
 lares preparão:

Ao alto Coutinho &c. &c.

10

O raio que n'outro tempo
 Nos gella o sangue na vêa, Já,
 graças ao bom Coutinho, Não
 assusta a nossa Aldêa.

*Dai ledos Pastores Hum
 grato signal. Louvai
 destes Campos O bom
 Maioral.*

11

Para longe foi fugindo De
 nós a calamidade, Entre nós já
 principia De Saturno a bella
 idade.

Dai legos &c. &c.

12

Innocentes pegureiros, Dos
soberbos opprimidos, Chegai,
chegai a Coutinho, E vós sereis
deffendidos.

Dai ledos &c. &c.

13

Na cabana levantada Em
que elle habita, a mentira
Entrar não pode; e se chega,
Logo d'alli se retira.

Dai ledos &c. &c.

14

Vede como infatigável Em
dura, continua lida, Por fazer-
nos Venturosos, Expõe elle a
doce vida:

Dai ledos &c. &c.

15

Favores, e beneficios Sôbre
mil choças derrama, E com
prêmios, e com honras Tantos
Serranos inflama:

Dai ledos &c. &c.

16

O seu nome já tem sido
Longe daqui celebrado, Pelo
muito que nos ama, D'outros
campos invejado.

Dai ledos &c. &c.

17

Honrai pois o grande dia, Que
para o Céu renovar se digna,
Afortunados Pastores, Serranos
desta campina:

Dai ledos &c. &c.

18

Pedi-lhe com votos puros,
Que mil vezes o dupliquem, E
neste dia sagrado Cem rezes se
sacrifiquem.

Dai ledos &c. &c.

19

Vós gentiz, gratas Serranas
Correi também apressadas, De fino
algodão vestidas, De mil flores
adornadas.

Dai ledos &c. &c.

20

Vinde alegres, vinde airosas,
Em duplicada corêa, Dançar, em
honra, e louvor Do Maioral desta
Aldêa.

Dai ledos de. &c.

21

E tu, venturosa Aonia,
Desta cabana Senhora, Huma
grinalda lhe off'rece Cos puros
mimos da Flora

*Trazei ao regaço À
Coutinho flores, Tecei-
lhe grinaldas, Cantai-
lhe louvores.*

Aqui juntos os Serranos, E
as Serranas, imprimindo Nos
altos troncos seu Nome, Vivas
lhe vão repetindo:

*Os eccos respondão
Que viva immortal.
Viva o bom Coutinho,
Nosso Maioral.*

ALBENIO

Viva, Tirseno, viva o grão Coutinho, E viva
quem tão grata, e dignamente Sabe entre nós
cantar os seus valores. Crê, Tirseno, da autora a
bella vinda Não me he mais doce não, nem mais
amável, Do que o teu canto foi suave, e simples:
Esses versos, que agora tu cantaste, Inda serão
em honra de Coutinho, Das Nymphas muitas
vezes repetidos, E os meninos das ternas Mais
ao collo Toma-los-hão de pressa na memória,
Para os cantar apenas babulç'ante Se lhes soltar
na bocca a débil lingoa.

TIRSENO

Muito, Albenio, exageras o meu canto.
Nem tanto; eu agradeço-te com tudo O bom
animo teu, que interessado A meu favor,
effeito de amisade, Faz com que te pareça,
qual desejas; Mas o tempo se chega, e já nos
chama Para o grande festim: se te parece
Vamos, Albenio, vamos caminhando
Ps»r'aquella vereda, que he mais breve;
Vamos depressa, segue esse caminho,
Vamos ligeiros festejar Coutinho.

Ao Exm.º e Rm.º Sr. Fr. Caetano Brandão,
do Conselho de Sua Magestade,
e Bispo do Pará, Eleito Arcebispo Primaz
de Braga, no anno de 1789

ODE PINDARICA

STROPHE1.⁸

Que vozes de tristesa, e de alegria!
Que estranho e desusado
Espetac'lo me offerece neste dia
Este povo fiel sobresaltado!
Eu vejo magoado Este mesmo
semblante, o mesmo rosto, Que se
empenha em mostrar sincero gosto.

ANTISTROPHE1.⁸

Qual pobre naufragante, que salvando
A cara doce vida, Alegre piza
a terra, graças dando Da mercê
novamente recebida;
Mas leva combatida A afflita mente, o
vago pensamento Das riquezas perdidas
n'um momento.

EPODOL.⁰

Tal, 6 Prelado Santo, Fica triste o
Pará: pelo deixares, Penetrão no seu
peito mil pezares;
Mas qual he seu espanto, E quaes
seus vivas, vendo-te elevado, Sôbre o
Solio de Braga já sentado?

STROPHE2.»

Foge, profano vulgo, tu, que ás cegas
 Meter a mão intentas Nesses mysterios, que
 a entender não chegas: Malicia, Inveja, irmãas
 sanguinolentas
 Fugi, fugi, cruentas; E, ás cavernas
 horrificas correndo, Hi-de as caudas
 torcidas remordendo.

ANTISTROPHE 2.^a

Caetano canto, e a translacção famosa,
 Que fará novamente A Bracarense igreja
 venturosa! Diz-me, 6 Muza, o motivo que
 potente Entrou na regia mente; E os que
 divulgo insólitos portentos Me escute a terra, e
 vós mortaes attentos.

EPODO 2.^o

Que fervidos conflictos, Que
 surda guerra começada vejo! Já da
 ambição estudão no manejo
 Inquietos espVitos, Por succeder no Throno
 antigo, e Santo, Que Gaspar occupou por
 tempo tanto!

STROPHE3.^a

As cabalas, a intriga, acompanhadas
 Da politica astuta, Já em campo se põem:
 huns tem pintadas No escudo seu com tinta
 nunca enxuta,
 Por vencer n'esta lucta, As preclaras
 acções de seus Maiores; Outros trazem
 de Plutos os favores.

ANTISTROPHE3.»

Em tanto a Grão MARIA, de quem pende
 Da victoria o destino, Nesta já
 confusão se não entende: Dizei-lhe vós,
 qual he, ó Céu benigno,
 Do sacro louro digno, Digno de encher
 a Sede, que Toledo Assombrado, e cioso
 vê com medo.

EPODO 3.^o

Já sobre a augusta frente Com
 brandas azas molle somno vôa; Hum
 silencio geral na grão Lisboa
 Precede á vaga gente; Eis que á
 Rainha em sonhos aparece De Braga o
 Tutellar, que do Alto desce;

STROPHE 4.*

«Vós do grande José, 6 digna Filha,
 (O gênio assim lhe falia) «De Lysia
 gloria, amor, e maravilha; «N'alta
 contenda, que este Reino aballa,
 «Não cedaes à cabala, «A palma dai,
 áquelle, que a não busca, «Que com
 virtudes mil aos mais offusca.

ANTI STROPHE 4.^a

«Aquelle, que nas margens do Amazonas
 «Varão experimentado, «De
 esclarecido Nome já se abona; «Q'ali, á
 vencer monstros costumado,
 «De Santo zelo armado, «Derrota o
 vicio, e à sertões distantes «Leva o Sacro
 guião nas mãos constantes.

EPODO 4.º

Que feitos gloriosos, Emprezas mil,
trabalhos soberanos Executado tem em
poucos annos;

Que em dias preciosos, Resuscitando a
santa antigüidade, Honra á Igreja,
socorre á humanidade.

STROPHE 5.^a

«Este pois da indigência Pai amante,

«Que asillo lhe offerece, «Em piedosos
recursos abundante; «A cuja sombra a grei
mimosa cresce,

«Que em doutrina florece: «Brandão honre
a Cadeira Bracarense; «Brandão famoso
Bispo Paraense.

ANTISTROPHE 5.^a

«Em tão justa eleição, mercê tão digna

«Se augmenta a vossa gloria; «Nisto pois
imitai a Catharina, «De quem sois neta
augusta: conte a historia

«Do mérito a victoria; «E, de Bartholomeo,
e Fructuoso, «Caetano occupe o Throno
magestoso.

EPODO 5.º

Disse o Gênio; e logo, Batendo as azas vai
ao Céu subindo, Em torno á si, nos ares
esparzinho

Hum claríssimo fogo, Que toucou de
MARIA a regia frente, E o querer lhe
mostrou do Omnipotente.

Ode Pindarica

EM LOUVOR DA Senerissima

Senhora D. Carlota Joaquina

PRINCEZA DO BRAZIL

No faustissimo dia dos seus annos, a 25 de Abril de 1793

OFERECIDA AO

PRÍNCIPE NOSSO SENHOR

POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

Natura! do Estado do Pará

IMPRESSA EM LISBOA
Na typographia Nunesiana

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o
Exame e Censura dos Livros.

Para servivos. braço...
Pará cantarvos. men le ás musas dada.

Can., LUS. Çam. XEst.CLV.



SENHOR

E o filho terno, em qualquer situação, em que se ache, tem sempre direito à beneficência de hum pai, a quem ama; o vassallo fiel pode sempre aspirar á do seu Príncipe, por mais distante que delle viva. E se não só os grandes sacrificios, mais ainda as pequenas offertas, com tanto que sejam puras, e sinceras, são agradáveis áquelle, de quem os Reis recebem o seu Sceptro, que mais reflexões me serão necessárias para firmar-me na presente dedicação, e para dissipar todas as medrosas idéias, que ao principio aterrarão a minha imaginação. Nascido, e creado entre os rudes arvoredos da America, da qual já mais sahi; sem a madureza dos annos, porque não são ainda muitos os que conto; e privado de socorro de huma melhor cultura, tanto pelo Paiz, em que vivo, como pelo embaraço de acontecimentos contrários, que formão o tecido da minha vida, eu me persuadi que não estava habilitado para sacrificar ao Publico huma Composição, que pode ter muitos defeitos, e menos para a offerter a VOSSA ALTEZA REAL, em huma conjunctura, em que os mais sublimes Gênios de Portugal intentarão á

porfia honrar-se com este Assumpto. Mas, sentindo immediatamente a força daquelles mesmos estímulos, que em tal occasião os animão, e que são communs a todos os fieis Portuguezes, posto que nascidos em differentes climas; e considerando que nao só o Tejo, mas também o Amazonas tem a felicidade de tributar as suas produções ao benigno Sceptro, que a ambos faz igualmente Venturosos, este mesmo foi hum dos motivos, que me determinarão a querer unir a minha fraca vóz ao harmonioso concerto das suas publicas acclamações; e huma das razões para me valer do AUGUSTO NOME DE VOSSA ALTEZA, como de hum escudo sagrado contra os detractores, que tiver.

Aquelles, que não estimão as coizas se não pela qualidade, culpar-me-hão por offerecer a VOSSA ALTEZA huma Obra tão pequena, qual he a presente Ode: mas como esta espécie de composição, tão distincta na Poesia, he, posto que curta de sua natureza, especialmente destinada para os assumptos sublimes, eu não terei inveja á sorte de Horacio se VOSSA ALTEZA se não dedignar de pôr nella os olhos, como fazia Octaviano ás daquelle Poeta. Feliz se eu o podesse imitar, para ter a dita de merecer o alto acolhimento de VOSSA ALTEZA; e se a tal, e qual disposição, que em mim se possa talvez achar para este gênero de applicação, excitada pela gloria de ter agradado ao meu PRINCIPE, e me habilitasse para algum dia cantar dignamente os Seus Louvores. Os grandes Príncipes, como VOSSA ALTEZA, até tem o poder de crear talentos, pará immortalizar o seu Nome.

Pelo que toca ao Augusto Objecto desta Ode, nada he mais honesto do que offerecerem-se a VOSSA ALTEZA REAL os louvores da Sublime PRINCEZA, que em virtude dos vinculos mais sagrados, fôrma ametade do Coração de VOSSA ALTEZA. O seu Nome, agora mais interessante que nunca a VOSSA ALTEZA, e a todo o Império Portuguez, seja também quem me apadrinhe, para que VOSSA ALTEZA releve este meu arrojio. E no spectaculo sublime, que VOSSA ALTEZA, em tão pouco tempo, nos tem feito ver das Suas Reaes Virtudes, e Gloriosas Acções, appareça também a Singular Benignidade, com que se digna receber a offerta de hum humilde, e remoto vassallo, que no fervor

do seu reconhecimento formará sempre os mais ardentes votos pela preciosa Vida de VOSSA ALTEZA, a Quem Deos semée de prosperidades.

SENHOR

Beija as mãos de VOSSA ALTEZA REAL O
seu mais humilde, e reverente vassallo,

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

ODE

STROPHE I^a.

Desterra ó Musa, frivolas contendas, (1)
Do fútil ócio filhas, Canta sublime as
grandes maravilhas, Que este dia te offrece;
não pertendas Na áurea frente cingir louros
colhidos No mais baixo do Pindo, ao alto
cume
Os vai buscar floridos.

ANTISTROPHE I^a.

CARLOTA AUGUSTA, em reverencia Tua,
Os ânímos discordes Da Cidade, e
Campina já concordes Se unem para
applaudir com gloria sua Teus Régios
Annos, as paixões se calão, E só de gosto, a
exemplo de Coutinho, (2)
Os corações se abalão.

EPODO I^o.

Famosos Portuguezes, Erguei ledos as
frontes já mirradas, Nas pobres campas
frias, mas honradas:
Vede o vosso mil vezes Fiel amor
ao Principe adorado Dos vossos
descendentes imitado.

(1)Allusao á competência, que pelo motivo de huma emulação louvável, proxivamente tinha havido entre os dois Terços Auxiliares da Cidade do Pará denominados, hum delles Terço da Cidade, e outro terço da Campina, pelos bairros, em que se achão, o que deo occasião a varias Cantigas, e Versos, que se fizeram a favor de hum, e outro, tendo também feito alguns o Autor desta Ode. (Do A.).

(2)O Illustrissimo, e Excellentissimo D. Francisco de Souza Coutinho, Governador, e Capitão General do Estado do Pará. (Do A.)

STROPHE 2ª.

Vede que além dos mares scintillando
 O raro exemplo vosso, No remoto Pará
 deste alvoroço Hoje vai os impulsos
 animando; Elle me inspira, e guia á nobre
 empreza De celebrar c'o a Cythara de
 Thebas
 A Singular Princeza.

ANTISTROPHE 2ª.

E em quanto espessas sombras denegridas
 Cobrem de infausto luto O lugar, onde
 habitão, já corrupto, Pérfidos monstros, povos
 parricidas, Que a detestável mão... De horror
 se espanta, E a voz suspende a Musa... Tu, ó
 Lisia,
 Teus Príncipes decanta.

EPODO 2º.

Offerece o puro incenso De reverente
 amor, em tão bom dia, De JOÃO á
 Esposa, á Nora de MARIA,
 Duplica o zelo intenso Da intacta fé, e
 assombre a redondeza A fama, a honra, a
 gloria Portugueza.

STROPHE 3ª.

Real PRINCEZA, de que o Céu benigno
 Nos fez alto presente, De quem hoje
 se mostra estar pendente Da feliz
 Lusitânia o Grão Destino, Escuta os sons
 da Lyra, com que intento Os Mysterios
 cantar, que precederão
 Teu Regio Nascimento.

ANTISTROPHE3⁸.

Quando o Quarto JOÃO justo, e prudente,
 No peito revolve Os trabalhos, e riscos
 que corria, Por segurar-lhe o Throno a Lusa
 gente, Alta noite desperto, e hum pouco
 afflicto; Então junto do leito lhe apparece
 O Santo Affonso invicto.

EPODO 3º.

Eu sou (lhe diz) aquelle Dos Luzos Reis
 famosos Rei primeiro, Teu, ó Filho, teu
 Tronco verdadeiro.
 A vir aqui me impelle O segredo que
 tenho de explicar-te, Para em teus bons
 intentos confirmar-te:

STROPHE4⁸.

Nesta Empreza maior do que as de Alcides,
 Maior que a força humana; Digna de ti
 por Grande, e Soberana, O ditozo successo
 não duvides; E posto que trabalhos
 arriscados Te custe, virá tempo, em que com
 glória
 Serão recompensados.

ANTISTROPHE4⁸.

Tempo virá, que em vinculo apertado
 Se enlacen, te assevero, As Luzas
 Quinas co'Leão Hibéro, Então
 perpetuamente terminado O motivo da
 Guerra sanguinosa, Teus povos gozarão,
 teus descendentes
 Eterna Paz ditoza.

EPODO 4º.

Na grande, rica Hesperia Nasce quem, por
Decreto do alto Fado, Formará deste laço o nó
sagrado:

Esta gloria da Hiberia He essa, eu vejo, a
Quem JOÃO se vota, Que do Grão Carlos se
dirá CARLOTA (1)

STROPHE5*.

Oh tempo venturoso! Os Mansamares
Já vem unir-se ao Tejo, E de
extranhas Nações o atroz dezejo
Unidos domão: Cessão os pezares Das
antigas Rivaes, e por CARLOTA O
quasi secco Bragantino Tronco
Nova Progenie brota.

ANTISTROPHE5".

O Céu assim permite, o Céu benigno,
Que as súplicas lhe attende, E a perdida
esperança aos Lusos rende; (2) Que ella será, eu
leio no destino, Avó, e Mãe de Reis, qual Neta, e
Filha, E que a par de JOÃO com mil virtudes De
Lysia maravilha.

(1) Pacto de Família, effeitudo entre as duas Coroas de Portugal, e de Hespanha, por occasião do felicissimo Consórcio de S.S. AA. RR. (Do A.)
(2) Ao tempo em que se fez esta Ode, ainda os zelosos, e fieis habitantes do Pará não tinham o completo gosto de saber, que estavam plenamente satisfeitos os seus votos pelo feliz Parto de Sua Alteza, do qual esperavão no Omnipotente receber a faustissima noticia no primeiro Navio que lá chegasse. (Do Editor *t.* em Lisboa).

EP0D0 5^o.

Tal presago se explica A teu respeito o
Rei que Ourique acclama, PRINCEZA
AUGUSTA, de quem hoje a Fama

Já tudo verifica; Tal o bem, que dever
te confessamos, Taes são os votos, que por
ti formamos.

**Ao Him^o. Manoel da Gama Lobo de Almada,
Coronel de Infantaria
dos Exércitos de Sua Magestade,
Governador da Capitania de S. José do Rio Negro,
e Commissario Principal
Encarregado da quarta Divisão das Reaes Demarções**

ODE(1)

Em quanto a baixa adulação, sem pejo
Contrafazendo o rosto macilento, Com
vãos ornatos, com postiças cores, Em
publico se mostra;

Em quanto offrece corrompido incenso
Nas aras da forçada dependencia, Com
mão venal e torpes simulacros, Que vê
que estão presentes;

Em quanto ao vicio prostitue seu canto O
Vate indigno do sagrado Pindo, Sacrílego
turbando as puras agoas Da límpida
Hyppocréne,

Eu celebro a virtude, ao Gama louvo, Eila
só, ella he digna dos meus versos, Vamos
sinceros coroar de louros De hum digno
Héroe a frente.

O' doce Muza, minha casta Muza, Hoje
que isenta das cruéis torturas, Que o
plectro teu as vezes tem forçado, Sonora e
livres cantas.

(1)Noannode!797.

Hoje, soltando as encolhidas azas,
 Entregue unicamente á teus desejos, Sem
 fadiga e violência, vai voando Serena e
 socegada.

De balde intenta o impávido Amazonas
 Espumante e feroz embaraçar-te, A
 negra, hirsuta fronte sacudindo, Mas tu
 irás constante,

Apezar das correntes, á despeito Da grão
 distancia, e d'horridos desertos, Ao
 Gama illustre offerecer capellas, No
 Guajará tecidas.

O' Gama, 6 tu d'Heroes Nome preclaro,
 Em toda a idade, nos oppostos climas,
 Este tributo accêita, que à Virtude Se
 deve em toda a parte:

Bem como o grande lúcido Planeta, Que
 do Ceo nos envia a luz brilhante, Assim
 mesmo de longe resplandeces, De lá
 meus olhos feres.

Mas qual das tuas cantarei primeiro? Que
 portentos, que raras maravilhas! Se
 qualquer dellas f atigar ainda Verei
 Épica tuba;

Verei, verei, se as Muzas Luzitanas Mais
 justas, ou mais bem favorecidas,
 Deixando assumptos vãos, amor sedição,
 Cajados e Cabanas,

O divino furor, o plectro eburneo Em
 mais nobres empregos occuparem, E aos
 altos feitos dos Varões famosos
 Cantando eternisarem:

Não foi o Grego Achilles, e o Troiano
Eneas, Godofredo, nem aquelle, Que de
Ad'mastor dobrou a cerviz dura, Mais
dignos que este Gama:

Ora te vejo sobre o pátrio Tejo, Ora nos
muros Tingitános, onde A escolla sempre
foi dos nobres Luzos; Mas tu lições lhe
deste:

Tu desde o berço condusido foste
Pela mão da severa heroicidade, Que
a clara fama escurecida deixa Dos
Reg'los e Fabricios:

Foi die, he elle o que guardando intacta
Da honra, e da palavra a fé sagrada,
Escuta ó Roma;... mas aqui de assombro
A Muza se suspende:

Se a vóz do sangue, e a vóz da natureza,
Se os horrores da morte não te abatem,
Invicto Gama, que poder terião Os
mimos da fortuna?

Somente do dver, e só da gloria Os
dictames escutas prompto, e dócil, Só
buscas a Virtude, embora sejas Feliz ou
desditoso;

Embora a vil desgraça te ameace,
Arreganhando os verdenegros dentes,
Crescem, soffrendo os furacões do Eólo,
Os corpulentos troncos;

Aos grandes homens os trabalhos provão,
Só ao mérito ataca a torpe inveja; Mas,
qual firme rochedo, o varão forte
Despreza as fúrias bravas:

Do publico louvor a vóz sincera O
vinga, e galardôa nobremente, E do
Príncipe justo a mão sublime Os
prêmios lhe prepara:

Já por elle estimado, e distinguindo De um
modo singular, e relevante Te entrega uma das
Chaves, e a mais forte, Do Paraense Império;

Já novos louros a colher te envia Do
Matapi nos Campos, onde Marte
Minerva, e Ceres justamente gratos
Louvores te tributao.

Ora inspirando o bellicoso gênio, Ora
polindo bárbaros costumes, A
abundância levaste, a qual, apenas Lá te
não vio, se ausenta.

Mas onde, aonde te deténs, ó Muza, Se
em tão vasta carreira a meta buscas? Da
Pátria inda que rude, a vóz suave Já
grata nos convida; (1)

Vamos n'ella cantar Almada illustre, E a lyra,
a nova lyra fabricada De hum tronco, que
nascera nos seus bosques, Se bem que
desditoso,

Qual devido tributo consagremos
No Theatro maior dos seus louvores
Ao Gemo Creador, que torna claras
Do Rio Negro as agoas;

Que os áridos desertos fertiliza,
Que promove a cultura de seus campos,

(1) Na Villa de Barcellos, Capital do Rio Negro, nasceo o Autor.

E dos seios profundos desentranha
Incógnitos thezouros:

Olha longas campinas, que the gora
Somente bravas feras habitavão, De
repente (ó que bens aqui diviso!)
Cobertas de manadas;

Olha a madre commum agricultura
Como florece á sombra do seu braço!
A industria, novas fabricas, prodígios,
Quem pode numeral-os?

Como em tão breve tantas maravilhas
Fazer podeste! Mas as densas trevas N'um
momento dissipa a luz brilhante, Faz tudo
um grande Gênio.

Já da abundância a cornicopia rica
Derrama ali seus dons; qualquer daquelles,
Que participão do teu almo influxo Os
seus effeitos sentem;

Os seus effeitos contão, nas distantes
Remotas praias, as longiquas gentes De
nobre inveja, de alto assombro cheias,
Assim clamar eu ouço:

Povo, que logras tanto bem, tal gloria, O'
povo venturoso; mas cem vezes Mais
venturoso aquelle peito heróico, Que a
tantos faz ditosos;

Que illustre só nasceu para que fosse
Benigno, e virtuoso juntamente, Que o seu
poder com beneficio mostra, Que manda,
sendo amado;

Que o rápido fervor de hum zelo ardente
Regula sábio, plácido dirige,

Que ao seu Príncipe, e povos igualmente
Sustenta co'as mãos ambas:

Eu vejo, eu vejo o Rio Negro ufano
Empolado e risonho despresando
Tardos socorros, que fonte estranha
Pedia, e supplicava;

Em si mesmo, ou no peito inexaurível Do
seu provido Chefe agora os acha, Vale mais
que um thesouro um'alma grande He
GAMA o seu recurso.

Eu vejo, eu vejo... cem Leões soberbos
Fugir, deixando o Território Luzo,
Sem desastres, e sangue, só ao Nome
De GAMA esclarecido!

Quanto fizeste!... Mas não deve a Muza
Temerária exceder os seus limites,
Recônditos mysterios divulgando, Que ao
vulgo são defezos.

Já sobre as ondas do Uaupés medonho,
E do Chie remoto vai surcando, Não
em fortes baixeis de altiva popa,

De cem canhões possantes,

Não entre fidas, numerosas tropas De
Lusitana gente valerosa, Mas só de
poucos, desleaes, seguido Inertes
frouxos peitos,

N'um fraco lenho vai o novo GAMA,
(Esfoutro vencedor de nome eterno)
Não só por mares nunca navegados,
Desconhecidas terras;

Mas também por Sertões inacessíveis,

Horrorosos desertos en silvados, Horríveis
monstros, indomáveis gentes, Mais feras
do que as mesmas,

Brutos Selvagens, que de Adão apenas As
feições mal conservão já truncadas, E que,
de humano sangue sequiosos, A natureza
espantão;

Por vários climas, onde a morte habita
Nos estagnados lagos denegridos, Que
corruptos vapores exhalando Da Estyge
ali rebentão,

Por tenebrosos antros, e profundas
Tetras cavernas, onde a noite reina,
Entre espectros, e horrores, rodeada
De lugubres morcegos;

Os mais viventes, té as mesmas feras
Ali nao chegão, e segundo contão
Antigas tradições, á poucos passos,
Encontra-se o Cocyto;

Por trabalhos em fim de immensos modos,
No mar, na terra insólitos perigos Da
vida, da pessoa e liberdade, Além dos
que não digo;

De víboras cruéis, de infestas pragas,
Da crua fome, e devorante sede, Da
incommoda nudez, e da maligna
Mirrada enfermidade.

Tudo venceste, insuperável GAMA; Bem
como Alcýdes, e Thesêo vencerão; Porem
elles não virão o que viste, Horrendas
catadupas;

Scylla, e Carybdes não merecem nome

Apár d'aquellas, que inda mui distantes,
Sem vistas ser, as carnes arrepião, Co'
temerozo estrondo

Dos horridos rebombos, que afugentão
Aos seus coviz os brutos espantados, E os
nadadores peixes ao seu centro, Fugindo
azilo buscão;

Milhões de Fúrias do profundo abysmo
Nas agitadas ondas transformadas, Bem
como ardentes legiões que animão A'
fervida peleja,

Nas duras rochas furibundas batem,
Volvem, desfazem rígidos penedos,
Entre bramidos e urros, vomitando
Serras de raiva e espuma,

Que ora parece que escalar intentão Os
altos Céos, ou já com força incrível, Com
rápido despenho revertendo Até o
Averno descem.

Aqui, aqui, ó barbara desgraça, Que
mal, que grande mal nos preparavas! Se o
Anjo Tutellar do Rio Negro A Pátria não
salvasse;

A figura tomando de num soldado
Depressa açode ao GAMA esclarecido,
Que a largos sorvos na funerea taça Das
Parcas já bebia:

Graças te damos immortal Vivente, Por
tanto bem, mil graças te rendemos; E Tú,
dos Luzos ó Rainha Excelsa, De longe
extende a vista,

A ver trabalhos, que por ti soporta

O melhor dos Vassallos, o mais digno
De sustentar a gloria do teu Sceptro
Em tão remotos climas;

Que á tantos males, e perigos tantos
Se expõem por te servir unicamente,
E faria ainda mais por teu respeito, Se
mais querer podesses;

Que descobertas úteis te offerece,
Empresas, que ainda aqui nenhum tentara,
Serviços d'alto preço, se outro preço
Quizera de os ter feito.

Porém que grande inopinada scena Se
mostra agora aos olhos meus suspensos
Que immensa multidão surgindo vejo
Desses sombrios bosques?

Dos montes descem já cobrindo as praias
Mil corpolentos vultos bellicosos, De
tangas, de pennachos adornados, E de
urucú tingidos,

Que a brutal desnudez pouco disfarção,
Onde he somente natural o pejo, Os mais
bárbaros íncolos do globo, Que cria a
Zona ardente,

O Mond'rucú feroz, que todos temem, E só
de ouvil-o fica o Mura frio, A' guerra usado,
e ao sangue, que derrama Dos crâneos,
em que bebe;

Quaes feros Humnos innundando a terra,
Ou como alluvião de grandes agoas, A'
toda a parte, em todo o tempo levão O
susto, o horror, e a morte:

Mas já deixada em fim a atrocidade,
Mansos, e meigos vejo vir chegando, E
as taquaras fataes, ervadas setas, As
massas, e os carcazes

Aos pés depor com reverente aspeito
Do claro Héroe da America, do forte, E
raro vencedor, que a Ley lhes dieta, E
as almas lhes vencera;

As almas, que tégora não poderão
Indomitas soffer extranho jugo,
Olhando com rancor há trinta lustros
As Quinas Sacro-Santas;

Já, sobre as mãos eterna paz lhe jurão,
Leal obediência; e só por elle, Por seu
respeito, perdoar promettem A' toda
espécie humana.

Eis, Luza Soberana, as novas gentes Que
GAMA, o nobre GAMA te offerece, E ao
Paraense Império dilatado, Já livre de
temores,

Úteis amigos, duplicados braços, Com que
extrahir da terra os seus thesouros, Em
Cidadãos pacíficos trocados Os mesmos
bravos tigres:

E Tu Religião do Ceo mandada, Que n'esta
Acção tiveste a melhor parte, Eis os novos
Prosélytos e Filhos, Que ao seio teu se
aggregão:

Tu dirigiste a mão, que os conquistara,
Os meios lhe inspiraste de ti próprios,
Sem ferro, e fogo, (ó nova maravilha!)
Sem lagrimas, nem sangue,

Que GAMA poupa, só de sangue aváro
Alheio, e não do próprio que despreza, Pois
ama os homens, só detesta o crime, Só teme
a DEOS, que adora;

A fé guardada a terna humanidade,
Liberal, generosa, inexaurível, Os
planos, e os recursos do seu Gênio
Sublime, e poderoso,

As armas forão, que vencer poderão
Estes de bronze tresdobrados peitos,
Virtudes, que, sem outras, bastarão
'A gloria do seu Nome.

Eu vejo ainda, ó quadro precioso! Eu vejo o
meu Héroe co'as mãos benignas Hir elle
mesmo soccorrer propicio A miseros
enfermos;

Elle he sensível, grato, e compassivo, O
meu Héroe não he de pedra dura, Por
humano consegue a melhor c'roa Que
aos Semideoses orna:

Prostado vejo aos pés da Divindade Os
seus troféos humilde offerecendo, Co'a
mais sincera e solida piedade O
mundo edificando.

Modelo em tudo aos restos dos humanos
Também de Heroe Christão merece o nome,
Este nome tão raro em nossos dias Fataes,
tempestuosos:

Tremei, tremei, incrédulos profanos,
Almas vis só de estúpida matéria, Que
de espíritos fortes o vão nome Buscaes
no crime, e no erro,

Que os olhos fitos sobre o baixo lodo, Se
os levantaes ao Céu algumas vezes, He só
pará insultar a Mão Potente, Que o
semeou de estrellas,

Insensatos, tremei, que um braço forte,
Hum gênio vasto, impávido, e sublime
Vos confunde melhor com seus exemplos,
Que quanto Huécio prova;

Desta fonte celeste a força tira, Que o
firme passo intrépido lhe guia Sem ella
não conheço Héroe completo, Só ella
immortaliza.

E vós divina, singular, e illeza,
Immaculada Mãi, do Empyreo Gloria, A
quem GAMA, com votos reverentes
Consagra eternos cultos,

Vós, á cujo supremo, e doce Nome
Este illustre mortal reconhecido
Templos erige, Altares off rece,
Magnífico, e devoto,

Patrona digna de um Héroe piedozo,
Melhor que as falsas fabulosas Deosas
Do filho de Pelô, do astuto Grego, E do
Troiano errante,

Vós prosperaes seus dias, e succéssos,
Que sôbre as firmes âzzas da Virtude,
Passando além do Templo da memória,
Hirão além dos astros.

Ao Snr. João de Mello Lobo, quando naufragou nos
baixos da Tijõca, á entrada do Pará

ODE

Em vão dos bravos ventos combatido,
Bramar se vê na praia o mar irado;
As fúrias não abrandão os bramidos
Do denodado Boreas!

Em vão quem da desgraça sente o golpe
Geme, clama, lamenta, desespera, As
lagrimas não curão a ferida Do
penetrante ferro.

De que servio áquelle, que os presados
Haveres vio roubar-lhe a fatal cheia; Da
cabana, que os Deoses lhe guardarão,
Derribar as paredes?

Se a fazenda se vai, existe o nome, Se um
e outro, ainda resta a doce vida: Cede
todos; porém, rindo da sorte, Alma
nobre lhe fica.

Com ella ficão livres as virtudes, Que
o fazem feliz, ou desditoso; Embora
diga o vulgo cego e rude Aquelle he
desgraçado.

Não será certamente se conserva O
leme da rasão, que da tormenta
Seguro o tomará, forçando o remo,
Ao porto da fortuna.

Infeliz o que a perde, que turbado Das
rotas velas, dos quebrados mastros A's
vagas em tumulto se abandona Dos
empolados mares

As vagas das paixões que nos figurarão,
Em um mal aparente, um mal eterno,
Quando piloto sabes, que succede A
calma á tempestade,

Que da rápida roda, o raio ardente, Que
rasga, que revolve a dura terra, Não
descança no chão, ligeiro sobe, E
procura outro ponto.

Se em extrema desdita te ponderas,
Espera, Amigo, espera nova sorte,
Não afflijas os Céos, se das maiores
Desgraças não padeces.

Que disseras, se os olhos entreabrindo
Entre mãos Argelinas, viz cadeas,
Perdida a liberdade, a pátria, o sangue,
Te viras sem amigos?

Oh que a amizade, a cândida amizade
He Santelmo nos mares da fortuna:
Feliz aquelle que, mudando as Scenas,
Os amigos descobre.

Não digo que gracejes ao aspecto Dos
pacotes rolando sobre as ondas; Dos
tristes companheiros em derrota, A'
Ermittões redusidos.

Nem quero que presumas serveria Em
sorte igual meu animo de exemplo: Eu te
mostro o caminho, que encuberto Te
tinha cega mágoa.

Apara a força da cruel pancada Em
escudo de heróico soffrimento, Quem de
Christo as bandeiras segue firme, Quem
por homem se tem;

E qual viçoso delphico loureiro, Que ora
sôffra do inverno o sopro frio, Ora aperte o
verão, não perde a galla, Não murcha,
nem abate.

Assim deve ficar uma alma grande Já nos
mãos, já nos prósperos successos, Assim
ganhar a crôa relusente Do mesmo louro
feita.

DRAMA

PELA

FUNDAÇÃO DA CASA

PARA

Deposito de pólvora

NO

RIO AURA, PERTO DA CIDADE DO PARÁ

Obra de grande utilidade que fez construir

o

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. D. Francisco de Souza Coutinho

Governador e Capitão General do Estado

COMPOSTO POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

INTERLOCUTORES

Gênio Tutellar.....do Pará
Amazonas.....Nympha
Aura.....Dita

Erguendo-se o panno dabocca do Tablado mostrar-se-há no fundo do Theatro vista de Cidade, e de um Rio corrente junto á ella, e nos lados appresentarão os bastidores vista de bosque. Quando se erguer o dito panno estarão já nos seus próprios lugares, onde devem fallar, as duas primeiras figuras que apparecem, ficando a Amazonas ao lado direito do Gênio em razão do Sexo, que aquella representa, e de se considerar ao mesmo tempo como uma Deidade.

ACTO ÚNICO

SCENA 1."

Gênio Tutelar, e Amazonas

AMASONAS

Tutellar Gênio, que o Pará proteges, A' que
alto destino, e fim me ordenas. Que
deixando o meu doce domicilio, A gruta
fresca em que descanso ha sec'los, Hoje
venha pizar as duras margens Do Guajará,
que só mortaes habitão?

GÊNIO

Amazona sublime, que Senhora
Hés do grão Rio, a que teu nome dêste,
Como sei que o Pará sempre estimaste,
Este Estado feliz, que fertilizas
Com tuas abundantes, doces agoas;
Como sei que na sorte te interessas
Dos seus habitadores Venturosos;
E como em fim de todas as Deidades,
Que há nesta Região immensa e rica,
Hés tu a maior dellas, quiz agora
Que o novo augmento com teus olhos visses,
Que logra a gente que fiel dirijo,
E com tua presença quiz que honrasses
O publico festejo, que este dia
A superior Deosa da Justiça
Ordena-me que faça, como em prêmio,

Daquelle Héroe que tanto bem tem feito
 Ao nosso amado povo Paraense.
 Tu sabes que a Justiça igual, e firme,
 Assim como castiga ao delinqüente,
 Assim ao benemérito coroa;
 E em qualquer parte que o descubra, logo
 Cuida em dar-lhe a devida recompensa.

AMASONAS

E qual he esse Heróe? Qual esse augmento?
 Qual o prêmio, que dar-lhe determina A
 incorrupta Virtude?

GÊNIO

Se no centro

De tua funda aquática morada
 O nome tem soado, como creio,
 Dos famosos, dos inclytos Coutinhos;
 Sabe que delles he clara vergontea
 Este Heròe, de quem fallo, e que hoje fôrma
 As delicias, e amor, e as maravilhas
 Do Pará, que governa sábio e justo.
 Parece-me que vejo o teu semblante (1)
 Dar signaes deste nome respeitável:
 Já te não é occulto?

AMASONAS

Não te enganas;

Que, sendo em outro tempo á guerra usada,
 Entre os nobres exemplos, que contavão
 Dos maiores guerreiros, esse nome
 Ouvi que varias vezes repetião,
 E que entre os claros, fortes Lusitanos
 Erão dos mais illustres, e mais fortes:
 Respeito pois seu nome esclarecido.

(1) Reparando para Amasonas.

GÊNIO

Mais o respeitarás sabendo como, Contando
ainda menos de seis lustros, Seus dias tem
ornado de virtudes; Este mancebo Heroe,
recente Alcides, Das vis paixões as víboras
decepa, Das paixões que as melhores qual
dades A's vezes desfigurão: Elle ajunta Ao
vigor da florente mocidade A prudência, que
os annos dar costumão: Nutrido aos peitos da
immortal Minerva, Elle foi condusido por
Mavorte, Desde os mais tenros annos, e
sabendo A terrível sciencia dos combates, Em
volúvel, e liquido elemento, Dirigir com mão
dextra esquadras fortes; As artes entretanto
não ignora De fazer os humanos venturozos,
Reger Estados, governar os povos, Traçar, e
executar projectos úteis: Não imagines, não,
cara Amazona, Que algum tempo lhe rouba o
fatal ócio; Fiel ao seu dever, o desempenho
Deste lhe occupa todos os momentos, Neste e
o seo gosto, e seo prazer só acha; Em quanto
uma das mãos ,activo emprega Em fazer á
Reinantes bons serviços, Serviços importantes,
augmentando O Regio patriotismo, por effeito
D'uma provida, e sabia economia; Com outra o
bem dos subditos promove, E satisfeita a tropa,
a disciplina, Dos Estados arrimo, estab'lecida,
O povo forte, as Leys executadas, Reprime o
crime, anima a sãa virtude, A industria, e o
trabalho: estende os olhos Por toda essa
Cidade que se offrece (1)

(1) Apontando para a Cidade, cuja vista está no fundo do Theatro como se disse.

A' tua vista: vê por toda a parte Em praças,
ruas, máquinas soberbas, Os efeitos que
nella vão crescendo, Das benéficas mãos do
Grão Coutinho, E vai, se queres mais, vai
ver aquella Illustre Fundação, que só
bastava Para honrar o seu nome...

AMASONAS

Me perdoa,
Sublime Gênio, interromper-te; afirmo Que
taes cousas me tem maravilhado! Mas
permite-me já que te pergunte, Donde e
quando mandou o Céu propicio Tão Grande
Bemfeitor á feliz margem Do meu rio?
Relata-me, e reflere A illustre fundação que
tanto louvas:

GÊNIO

Satisfarei, Senhora, os teus intentos
Em breve narração, porquanto vejo
Que já vai-se chegando o próprio tempo
Para o festejo destinado; sabe
Que das margens do Tejo, cuja gloria
Tem tornado mil vezes turvo, e brando
O Indo, o Ganges, o Nilo, e mais o Eufrastes,
E á quem tu mesma, posto que mais rica
Em agoas, e productos preciosos,
Tens rendido gostosa vassallagem,
Daquelle Rio, de quem sabe o mundo
Ter virtudes, crear peitos briosos,
D'alli veio Coutinho, e foi mandado
Pela dos Luzos immortal Rainha,
A cujo Império offrecém reverentes
As quatro partes seu tributo, a cujo
Benigno Sceptro deve tantas ditas
Esta Provincia, que de ser se jacta
De seo Império parte; e para prova
De que se não engana, Eila lhe manda

Em Coutinho um condigno Substituto, Ornado
 assim do seo poder a força, Como de suas
 intenções sublimes. Inda o Sol duas vezes não
 tem feito Do Câncer sua volta ao Capricórnio,
 Tão pouco tempo há pois, que ao Pará chega O
 grande Heroe, o sem igual Coutinho; E neste
 mesmo limilado tempo Tem feito tantas obras
 gloriosas? Mas eis a nympha do Aura, que
 chega; Quero que delia escutes o que resta, Da
 ùlustre fundação a breve historia.

SCENA 2.^a

Sahe a nympha Aura, por um dos bastidores do lado
 direito mais visinho ao Rio, e tomando a esquerda do
 Gênio fica este ano no meio.

AURA

Salve, Celeste Gênio, e vós Senhora A'
 quem of freco em minhas frias agoas
 Reverente tributo...

AMASONAS

Aura querida,
 Filha gentil, eu de te ver m'alegro.

GÊNIO

Bem vinda sejas, ó famosa Nympha, Hoje
 gloria e praser destes contornos, Quero
 que, para ouvir-mos, nos repitas (Este o
 motivo foi d'áqui chamar-te) Aquelle doce
 canto, que entoaste Em honra d'essa Obra,
 que teo nome, Entre todas as Nymphas
 destes rios, Tornou mais conhecido, e
 celebrado

O seu famoso autor. E tu Deidade (1)
 Neste canto ouvirás, o que pertendes
 Pela bocca da Aura. As voses solta, (2)
 Canta, formosa Nympha...

AURA

Mui depressa
 Vim por obedecer-vós reverente, Como
 devia; e agora farei muito Por cumprir
 vosso mando, e dar-vós gosto (3)

1º.

Do Pará o fiel povo Vivia
 atemorizado, Vendo sôbre
 si pendente DeJove o raio
 farpado.

2º.

Em seu mesmo seio tinha O
 motivo de seus sustos, No
 sulphurêo pó terrível, Que
 emita os trovões robustos.

3º.

Em se o muro há muitos tempos,
 Que encerrava, por seo mal, Da
 matéria abrazadora O deposito
 fatal.

Quando Júpter no Olympo O
 Céu com raios fendia,
 Chamando a tímida gente Sem
 tino fugir queria:

(1) Fallando com a Amazonas.

(2) Tornando a fallar com a Nympha.

(3) Canta a Nympha Aura acompanhada mansamente de alguns Instrumentos da Orchesta de modo que a letra fique bem preceptivel.

5°.

Mas em fim compadecido
Deste povo o Céu propicio,
Determina que Coutinho O
livre do precipicio:

6°.

Logo junto ã minha gruta A
nova Caza edifica, Com que
a gente, sem p'riço, Mais
bem defendida fica.

7°.

Entre a floresta, que rega
Minh'onda serena e pura, A
esconde com subtil arte De
toda a invazão fuctura:

8°.

Em poucos dias consegue O
grande intento proposto, Em
poucos dias converte Deste
povo o medo em gosto:

9°.

Todos lhe tributão gratos,
Justos, dignos louvores,
Todos vão correndo alegres
A ver da Obra os primores

10°.

Já minhas margens trilhadas
São de ledos caminhantes,
Até de Nymphas sabidas
Vem mil choréas brilhantes:

11°.

Graças te dou bom Coutinho,
Do Grão Pará Bemfeitor, E do
meu nome, e respeito Amparo,
gloria e louvor.

12°.

Em quanto as agoas correm
Para o tumido Oceano, Heide
cantar o teu nome, O teu nome
Soberano.

AMASONAS

Discreta letra! Sonoroso cantol Illustre
Fundação? Mas sobre tudo, Que
famoso Mortal! Estou suspensa De
tantas maravilhas!

GÊNIO

Ah! por certo, Amasonas, as virtudes
desse humano De maior narração erão bem
dignas: Para narra-las necessário era Por
toda a terra discorrer, que fôrma Este tão
vasto Estado; suas vistas, Seus olhos
penetrantes tudo observão, E seus influxos
bemfeitores chegão Até o índio aos pobres
Tujúpare. Em signal pois do quanto aos
Céos são gratos Seus méritos sublimes, quiz
a Deosa. Ajusta Deosa, que ao principio
disse, Que tomasse á meu cargo honrar-lhe o
nome, Visto que, por dever do ministério,
Sobre o Pará vigio. Em consequência, Aos
povos inspirei, que agradecidos O
aplaudissem por todos differentes;

E assim hoje em magnífico Theatro
 Em seu louvor e peça representão:
 De Demophonte em Tracia; mas não julgues
 Que neste só festejo se limita
 O prêmio, que essa Deosa Soberana
Dar a Coutinho intenta; isto he apenas
 Penhor do que lhe deve, um insentico
 Pará novas emprezas, pois he certo
 Que a virtude louvada vive, e cresce,
 E o louvor altos cazos persuade:
 Lá quando em fim tiver chegado
 A' clara meta, que o supremo fado
 Destinado lhe tem, depois de feita
 A carreira immortal dos seus trabalhos,
 Então, então serão recompensados
 Completa e dignamente; e a coroa
Terá, que dar costuma a justa Deosa
 Ao mérito, e á virtude.

AMASONAS

Céo benigno!
 Assombrada me deixam taes portentos!
 Teus arcanos venero. E por que causa,
 Depois de tantas gerações passadas,
 Rezervaste a este idade o complemento De
 teus altos designios, favoráveis Ao Grão
 Pará? Celeste mensageiro, (1) Em muita
 obrigação me tens, e quando Não devesse
 ser grata ao grande obséquio, Te ficaria
 pela nobre historia De hum tal Heroe, de
 tantas maravilhas! Meus justos
 sentimentos preveniste, E desde já,
 cedendo á seus impulsos, Amo a Coutinho,
 e já quizera dar-lhe Demonstrações fieis,
 provas constantes Do meu puro respeito; já
 quizera

(1) Voltando-se para o Gênio.

Ver-lhe o semblante, quando, como espero,
 Livre de seus trabalhos mais urgentes,
 Em curvo lenho sobre as minhas ondas,
 Visite o vasto Estado. Então capellas
 Lhe porão sobre a fronte as Nymphas minhas
 Das flores do engazeiro mais cheiroso,
 Que pende sobre o rio, entretecidas
 Com as variadas pennas do Tocano,
 E do lindo Anambé: Então submissa
 Enf rearei a rápida corrente
 Do soberbo Amazonas, que passagem
 Lhe dê suave, e fácil. Entretanto
 Farei que as minhas agoas abundantes,
 Os áridos desertos penetrando
 Os tornem férteis, mais fecundo inda
 Do que estes campos, mais do que tem sido,
 Para que, respondendo aos bons desejos
 Do provido Coutinho, o seu Governo
 Assignallem nos fastos Paraenses
 O mesmo inanimado, os mesmos troncos.

AURA

O Céu propicio tuas vozes ouça, E
 cubra de mil benções sua vida.

GÊNIO

Vamos, Senhora, vamos, grata Nympha,
 Vosso transporte he justo, e vossa estima Por
 hum objecto tal; porém he tempo Ao deixar-
 mos de humanos a lingoagem, E ao domicilio
 vamos, e invisíveis Veremos o festejo
 dedicado, Por elles, e por seus influxos feito,
 Em honra desse Heroe.

AMASONAS

Mil annos viva.

AURA

Viva o meu Protector esclarecido.

TODOS

Viva o grande Coutinho, honra dos Luzos,
Bemfeitor do Pará: Mortaes louvai-o (1)

(1) Immediatamente que acabarem de dizer as ultimas palavras descera de cima huma nuvem na qual subira o Gênio. Quando este se forja sumindo, então com passos lentos e graves se retirará a Amazonas por entre os bastidores, que fingem bosque, e ao mesmo tempo irá a Nympha lançar-se ao rio que está no fundo do Theatro no qual desaparecerá.

Os pastores do Amazonas

DRAMA PASTORIL

Que se representou no Theatro da Cidade do Pará

NO

Dia faustissimo e anniversario de Sua Magestade

NO QUAL FESTEJARÃO JUNTAMENTE COM ESTE

O

Feliz nascimento de sua recém-nascida
e Augusta Neta

A

Serenissima Senhora Princesa da Beira

*Os indios Paraenses A' custa dos quaes se fez
esta funcção, dirigidos pelo seu respectivo Intendente e
Thesoureiro*

OFFERECIDO

Ao III.TM Ex.^{mo} Snr. D. Francisco de Souza Coutinho

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE
GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL DO ESTADO DO PARÁ

E à exigências do dito Snr.
composto por

BENTO DE FIGUEIREDO TENREIRO ARANHA
Natural do mesmo Estado

ANNODE1793

INTERLOCUTORES

Huma Napea, ou Nympha dos Bosques
Bireno.....Pastor do Amazonas
Elysa.....Pastora do Amazonas
Outros Pastores, Serranos, e Serranas do mesmo

A Scena se figura nas margens do dito Rio Amazonas, ou nas do Guajará, que he como feúdatario d'aquelle, e o em que se acha a cidade de Belém do Pará.

ACTO ÚNICO

SCENA1.⁸

Vista de bosque, e n 'elle Bireno dormindo meio reclinado sobre uns pequenos penhascos a hum dos lados do tablado, no qual da parte opposta, e mais para o fim delle se verá uma gruta.

Dueto (1)

Aos sacros Deoses
Louvores dai; Gentes de
Luzo, Cantai, cantai: De
tão alto beneficio A
memória eternizai.

A estas vozes desperta Bireno sobresaltado, e em quanto se finaliza o canto se põem elle em pé, procurando cheio de suspensão por todo o bosque a origem delle até que determinando-se diz

BIRENO

Que vozes; que suave melodia
Do somno me despertai quão sonora!
Quem será! Donde vem tanta harmonia?
Nunca a ouvi semelhante sobre as margens
Do famoso Amazonas... Mas lá vejo
Para aqui caminhando uma Serrana:
He Elysa, e seria talvez ella
Que o peito me ferio com voz tão bella?

(1) Cantando dentro dos bastidores para a parte donde está a gruta.

SCENA2.³

Sahe Elysa por aquelle lado em que fica a gruta, e chegando-se pará o pé de Bireno diz

ELYSA

Salve Bireno...

BIRENO

Adeos, presada Elysa,
Dize-me, acaso forão tuas vozes Sempre
doces, mas hoje mais suaves, As que,
soando neste bosque umbroso,
Suspenderão os Zephiros, e forão
Despertar meus sentidos, que em socego
A' sombra do alvoredo repousavão? Dize,
amável Serrana; e se tu foste, Continua a
cantar, que dos raminhos Já pendem para
ouvirte os passarinhos.

ELYSA

Não, Bireno, eu não fui, nem sei quem fosse
D'entre os nossos Serranos, que podesse
Cantar tão digna, e tão suavemente.
O mesmo assombro, que essa voz te causa,
Também sentindo, venho deligente
A causa examinar. Em nossos campos,
Repara, meu Bireno, neste dia,
He tal a amenidade, que parece
Que a mesma natureza alegre vejo.
Tudo prazer respira, os ares puros,
Os velhos troncos com viçosas flores,
Os doces passarinhos gorgendo,
Tudo, tudo denota neste dia
Não sei que novo gosto.

BIRENO

Sim, Elysa, Os
Deoses nos protegem certamente, E
nossos ledos, e ditosos campos Hoje
parecem delles habitados.

Coro, dentro (1)

Do largo Amazonas,
Felices Pastores, Soltai
doces vozes, Ornai-vos
de flores;

Fazei memorável Tão
ditoso dia, Celebrando
o Nome Da Excelsa
Maria.

Nelle dois presentes O
Céo nos envia; Celebrai
o Nome Da Excelsa
Maria.

ÉLYSA

Que novas maravilhas! que sublime,
E nunca ouvido canto em nossos campos!
Suspensa fico! Quem, será, Bireno?

BIRENO

Talvez dos nossos Deoses Tutelares Estas
sonoras vozes hoje sejam. Não percebeste,
Elysa, como acaba A letra, não ouviste o
doce Nome, Que o sentido termina do seu
canto? Aquelle Nome, pará nós tão
fausto, E que ha pouco se vio
reproduzido Na tenra Filha, suspirado
fruto Do grão Jozino, e singular Carlina,
Os nosso bons, beneficios Senhores. Mas
que vejo! repara... Oh Céos! Elysal

(1) Em quanto assim sôa este canto, estarão os dois Pastores suspensos ouvindo, e olhando pará aquella parte, donde vem as vozes.

SCENA 3ª.

Sahe a Napéa da gruta, e cantando o seguinte virá andando até ficar entre os Pastores, que em tanto mostram a maior suspensão.

NAPÉA, *cantando*

Pastores do Amazonas dilatado As
vossas ditas memorai, e gratos No escuro
seio dos espessos matos, Honrai, honrai
hum dia tão sagrado.

A MESMA NAPÉA, *a//flndo diz*

Mortaes, deixai o inopinado assombro.
Napéa deste bosque sou, Pastores,
A que, por ordem da immortal Diana,
Da casta Deosa, que entre nós preside,
Com outras companheiras entoando
Deste dia os louvores, aqui venho
Dizer-vós e ensinar-vós o que he justo,
E conforme á vontade soberana
Da Filha de Latona. Ouvi-me, attentos:
Vós já sabeis o grande beneficio,
Que Jove, tão propicio á vossos votos,
Vós concedeo benigno; beneficio,
Que de males immensos nos livrara,
E que mil ditas nelle so promette
Aos Luzos campos, e aos que delles pendem:
Vós acabaes de ouvir o grato annuncio,
Porquanto á toda a parte a fama o leva,
Do Feliz Nascimento de Maria,
Entre vós por Marília nomeada,
Aquella, cujo Nome excelso, e digno,
Cujó ser interessa geralmente
A' todos os mortaes; aos mesmos Deoses,
Pelo bem, pela gloria, que resulta
A huns e outros de vida tão presada.
Agora sabereis que á tanta dita
Outra mais se lhe ajunta neste dia,

Formoso dia, em que do tempo insano,
Das parcas respeitada, em fim triunfa
A grande Avó, a sem igual Maria,
Dos vossos campos Tutelar Senhora,
A benéfica Maria, cujas graças
Inda mesmo tão longe vem buscar-vos:
Aquella, cujo Sceptro radiante
Chega propicio, extende os seus influxos
Ao Tejo, Nilo, Ganges e Amazonas:
A' cuja sombra alegres, e tranquillos
Os fructos recolheis da paz ditosa,
E sem temor de injustos oppressores
Em rebanhos cresceis, araes os campos:
Fieis Americanos, se de rudes,
E de insensíveis peitos, quaes já fosteis,
Em outro tempo; agora felizmente,
Pela luz da razão já penetrados.
Fugir quereis a indecoroso nome;
Se o Céu, se um mesmo Céu voz manda chuvas,
E o verão creador; se ao mesmo Throno
Off recém reverentes seu tributo
O Amazonas, e o Tejo, fieis sendo
Desse Quarto João aos Descendentes,
Que vossos Pais com vivas acclamarão,
Pertence-vos também honrar agora
Estes dois Natalicios Venturosos:
Tudo vos chama, tudo vos obriga
A' tão devido obzequio, o vosso nome,
O dever, gratidão, vosso interesse,
D'outros povos o exemplo, e finalmente
A ventura de terdes em Coutinho
Hum Maioral, que nisso se interessa,
Que vos ama, vós honra, e vós anima,
Como da mesma Pátria dignos filhos;
Coutinho, em cuja vinda recebestes
De Mareia mais hum novo beneficio;
Em fim os mesmos Deoses Soberanos,
A Sacra Delia quer, e assim ordena
Que neste dia deis ajusta prova
Da vossa gratidão; e convocados

Por tão forte motivo os mais Pastores, O
 Nome festejeis, e o Nascimento De Maria
 primeira, e da segunda, De Mareia, e
 Marília Soberanas, Cujos nomes por vós são
 mais usados, Que os mesmos Deoses amão:
 esta a causa, Este o digno motivo, que me
 guia, E que a vós, ó Pastores, que entre os
 outros Mais attendidos sois, mais
 respeitados, Para aviso fazer-vós me
 dirije.

BIRENO

Excelsa Semi-Déa, as tuas plantas (1)
 Aceita d'hum mortal a reverencia
 (Suspenso, e embaraçado a penas creio No
 mesmo que estou vendo!) Sacros Deoses,
 Sublime Nympha, que farei, que graças
 Vos são devidas por mercês tão raras?
 Quanto amaes aos mortaes? Que grande dia
 De maravilhas cheio!

ELYSA(2)

Sacra Nympha,
 Immortal habitante destes bosques, Meu
 respeito e homenagem te tributo, E em
 minha suspensão te rendo as graças Dos
 portentos de que hoje te dignaste Que
 testemunha fosse: de que modo Responder
 poderemos dignamente A' graças taes?

NAPÊA

Pastores, levantai-vós, E
 sem tempo perder, correi ligeiros A dar
 execução ao Sacro mando Da casta Delia:
 convocados hoje

(1)Curvando num joelho deante delia.

(2)Prostando-se também.

Outros Serranos, como já vos disse, Que
armados de festões, e de mil flores, Qual
o dia requer, aos Dcoses honrem, E
festejem por modos variados Este dia
feliz, e assignalado.

BIRENO

Obedeço, alta Nympha, a teu mandado, E ao
Decreto de Delia soberana Obedecer he
pouco, pois minha'alma Com assombro, e
alegria não atina No modo d'hum mais justo
desempenho: Taes graças, e favores tão
subidos D'hum fraco humano a gratidão
excedem.

ELYSA

Obedecer he pouco.

AMBOS

Mais devemos
Fazer reconhecidos em tal dia De tanta
suspensão, tanta alegria. (*Vão-se*)

SCENA4."

Fica só a Napéa, e canta em recitado:

Já, Luzos, já cessarão, fieis Luzos, As
fervorosas supplicas, os votos Com que os
Céos fatigando, aos Céos pedieis A suspirada
Prole,

Já sobre as plummas do dourado berço, Das
graças, e virtudes rodeada, Vos estende
risonha a mão propicia,

A tenra mão mimosa, Do antigo tronco a
augusta vingadora, Do Invicto Affonso a
Clara Descendente,

De João adorado a Filha, e gloria, A
Neta de Maria;

Maria, cujas inclytas virtudes O Céu
attende, e seus dourados dias Neste dia
feliz renova, e firma Em duplicados fios.

Chegai, 6 Povos, concorrei, 6 Luzos, Das
quatro partes, dos oppostos climas, Vai
adusto Brazil, vai reverente Beijar-lhe
humilde a planta.

Ária

Dos vários orbes
Todas as gentes, Os
mesmos Deozes Dos
Céus luzentes, Eu vejo
ledos, Ledos estão. De
Estygio lago Então
jurarão, Que o claro
dia, Que tanto amarão,
Perpetuamente Brilhar
farão. (*Vai-se*)

SCENA 5.^a

Coro, dentro

A' Sacra Diana Nossos dens
levemos, Da nossa ventura
A causa entoemos; A
Mareia, e Marília Louvres
cantemos. (1)

BIRENO

Eis o altar de Diana, que preside
 Aos nossos campos sempre favorável,
 E que hoje mais que nunca se interessa
 Nas nossas ditas: Caros companheiros,
 Vamos, vamos, levar-lhe reverentes
 Os dons sinceros, as off'rendas puras
 Do nosso justo amor reconhecido:
 Assim convém que gratos comecemos
 O festejo, e os prazeres deste dia.
 Já vós contei, Pastores, como a Deosa,
 (Elysa bem ouvio) dignou-se pia
 De avisar-nos por meio de huma Nympha
 Do que fazer devíamos; agora,
 A' tão alto favor assinalado,
 Devemos gratos ser, e então depois
 Que ao justo Céu tiver-mos satisfeito,
 Por tantos tão sensíveis benefícios,
 Quaes hoje experimentamos; sim, Pastores,
 Quaes hoje nos concede o Céu propicio,
 Cantemos, entoemos nossas ditas,

(1) Acabado o coro, e levantando o 2º. panno apparece vista de bosque, ou campo matisado de flores, e no meio o altar de Diana com o retrato da Deosa, e em cima do retábulo as Armas Reaes de Portugal: Aos dois lados do altar ver-se-hao quatro grossos troncos de grandes arvores, duas de cada banda, formando como duas alas, e por entre estes troncos, ou arvores virão sahindo Pastores e Pastoras, huns e outros pelos diversos lados, e adiante de todos Bireno, e Elysa, vindo todos elles ornados festivamente, e pelo modo mais vistozo, que for possivel, atendendo a propriedade, e a occasião, com grinaldas de flores na cabeça, e nas mãos trarão as Pastoras açafates de flores, e os Pastores pombos, com as suas flautas penduradas aos lados, e chegando ao meio do Tablado formão um semicirculo á direita do qual occuparão as Pastoras.

Unamos todos, todos os prazeres, De que
os singelos peitos são capazes, Em louvor
deste dia memorável

ELYSA

Vamos, Pastores, vamos fervorosos
Offertar nossos dons á casta Delia

Dueto BI

RENO E ELYSA

Sublime Diana *(Bireno)*
Que dá vida às flores
Os votos aceita Dos
simples Pastores;

Acceita o tributo *(Elysa)*
Que nós te rendemos,
Pelo bem, que agora
De ti recebemos:

De Marília, e Mareia *(Ambos)*
Que tanto estimamos,
Os dias preserves Nós
te supplicamos. (1)

BIRENO

Soltai, Pastores, gratas cantilenas, Embocai,
embocai as doces flautas, Tudo fazer
devemos neste dia, Em honra de Marília, e
Mareia augusta. (2)

(1)Acabado vão a dois, e dois os Pastores e as Pastoras pôr seus dons
sobre a banquetta do altar, a saber os açafates de flores, e os pombos, e
tornando em ordem para o mesmo lugar em que estão.

(2)Tirão os Pastores as flautas do lugar em que as tinham, ficando com
ellasna mão direita.

BIRENO, *cantando em recitado*

Quantos prodígios, quantas maravilhas Se não
vêm neste dia esclarecido? Que bens não tem
os nossos ledos campos Da benéfica Mareia
recebido? Lá sobre os dilatados horizontes
Mostra hoje Phebo novos resplandores, E
assim como diffunde a luz brilhante, Assim
Mareia Sublime os seus favores.

Ária

Alta Mareia, se teus dias Contão
ledos os humanos, Teus favores
Soberanos Ninguém pode numerar:
Dos annos á fúria cedão Embora
esses troncos rudes; De Mareia os
dons, as virtudes A farão eternisar.

ELYSA, *cantando em recitado*

De quantos males, quantas desventuras, Nos
nao livrou propocio o Céu piedoso Nesse dia
feliz, em que Marília Teve o seu nascimento
venturoso? Tristes annuncios, fúnebres
presagios Já não causão ao peito mil temores,
Desfez-se a nuvem, que assustava as gentes,
Nasceu Marília, socegai Pastores.

Ária

Já cessou, já não ouve, No
cume d'aquelle Outeiro, Do
pavoroso agoureiro O noturno
sibilar.

Só se executa, que ventura!
 Marília excelsa louvando,
 Das aves o coro brando
 Doces cantos modular. (1)

Dueto

Os fructos da paz (Birenó)
 Os campos floridos
 A* ti grande Mareia,
 A* ti são devidos

Ao nascer Marília (Elysa)
 Fica livre a terra Do
 triste temor Da
 pérfida guerra.

De Mareia sublime (Birenó)
 Mil bens recebemos.

A' tenra Marília (Elysa)
 Quanto não devemos?

De Mareia, e Marília (Ambos)
 O Nome entoemos. (2)

BIRENO

Nossas vozes, Pastores, são inimitáveis, O
 vento leva; e para que constantes Da
 nossa gratidão, do prazer nosso Os
 signaes perduráveis hoje sejam, Vamos,
 vamos gravar nos duros troncos, Nos
 troncos, que ali vedes, a memória De dia
 tão ditoso.

(1) TocSo agora os Pastores um breve concerto de flautas, e terminando tornarão os dois a cantar este Dueto, cujos intervalos, e pausas serão ocupados pelas flautas.

(2) Torn&o a tocar as flautas um pouco de tempo até que Bireno continua.

ELYSA

Vamos, vamos. (1)

*Inscrições*1.^a(2)

A' casta Diana, Por tal
beneficio, De que somos
gratos, Este seja indício

De tantas venturas,
Neste dia unidas, As
memórias fiquem Aqui
transmittidas.

2.

"(3)

A' Mareia
sublime
Seja
dedicado
Deste
antigo cedro
O tronco
sagrado.

Com Marília cresça,
E mil flores deite, O
novo loureiro, Que
o tempo respeite (4)

Dueto Moradores
do Amazonas, Pastores desta
Campina, Applaudi fieis o dia,
Que o Céu renovar se digna.

Tu hês, Mareia Soberana, De
nossos campos Senhora, Tu,
Marília, amparo nosso, Hês
de Mareia Successora. (5)

(1) Vão todos, e chegando-se para o pé dos quatro grossos troncos, que estão junto ao altar de Diana, tirão das algibeiras os seus instrumentos de aço com que fingem entalhar nos troncos as seguintes Inscrições, as quaes á proporção que forem fazendo, irão apparecendo em letras grandes, é illuminadas de modo que da Platéa se possam ler.

(2)A primeira, e terceira á direita do altar.

(3)A segunda, e quarta á esquerda do altar.

(4)Em quanto os Pastores fazem estas Inscrições, bem entendido, que cada hum abra a sua, as Pastoras as irão ver, e acabadas que sejam tornão todos pará o mesmo lugar.

(5)Torna-se a repetir hum breve concerto de flautas.

BIRENO

Somos ditosos, caros companheiros,
 Sejam gratos a favores tantos, Com que o
 Céu neste dia nos distingue: De Mareia, e de
 Marília Soberana O caro nome, a preciosa
 vida Sinceros votos sempre nos mereção.
 Em tanto a nossa festa terminando, Se vós
 parece, vamos meus Pastores, Ver as que
 fazem, pela mesma causa, Segundo ouvi, as
 gentes da Cidade, Mais ricas do que as
 nossas, não mais puras. Vamos, Elysa,
 vamos; pois he justo Que este dia
 guardando, em honra sua, Deixemos
 nossos rústicos trabalhos, Deixemos tudo, e
 só nos ocupemos Nos seus applausos.

ELYSA

Sim, Bireno, vamos,
 He geral, he também o prazer nosso.

TODOS

Louvemos com reciproca alegria
 De Mareia, e de Marília o grande dia. (1)

Coro (2)

De Mareia Sublime Mil
 bens recebemos, Na
 tenra Marília Mil ditas
 teremos: De Mareia, e
 Marília O Nome
 entoemos.

(1) Vão-se, e na retirada irá cantando o coro.

(2) Entretanto abate-se o panno.

A Felicidade no Brazil

DRAMA DE HUM SÓ ACTO

Para ser executado no Theatro Publico da Cidade do Pará

A 13 de maio de 1808

Dia faustissimo e anniversario de Sua Alteza Real

o PRÍNCIPE REGENTE

NOSSO SENHOR

*Chegado á cidade da Bahia na
sua viagem para a do Rio de Janeiro*

CAPITAL DO BRAZIL

Composto por determinação

do

Ill.^{m0} e Ex^{mo} Sr. José Narcizo de Magalhães de Menezes

Governador e Capitão General do Estado do Pará

POR

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha

NATURAL DO MESMO ESTADO (*)

(*) O Autor tinha esclarecido com algumas notas este Drama para ser impresso mas fallecêo antes de que assim fosse. (Do E.)

Pará servir-vos braço...
Pará cantar-vos mente às Musas dada:
Só me f allece ser a voz aceita
De quem virtude deve ser presada.

Çam. LUS. Cant. 10. Est. 1SS

OBSERVAÇÃO PRÉVIA

Os mui poucos dias que medirão entre a concepção deste Drama, e a sua produção; a extraordinária aceleração, com que foi preciso faze-lo, e desde 25 de Abril distribui-lo, ensaiar, e apromptar para poder servir no dia destinado, a triste situação actual da terra, falta de todos os recursos necessários para que contando-se com elles se podesse formar um plano mais vasto, mais brilhante, e digno do objecto, e finalmente a necessidade em que se vio o seu Autor de mudar, e alterar em grande parte, já quasi depois de concluído, a fim de satisfazer unicamente a quem não podia deixar de obedecer; tudo isto junto ás razoes publicas, e ás circumstancias políticas, e assás melindrosas do tempo, nas quaes se não podia deixar de tocar, mas que era preciso faze-lo sempre com a possível circunspecção e delicadesa: tudo isto digo deve ao menos servir de desculpa ao mesmo Autor, se no juízo dos mais inteligentes se assentar que elle o não desempenhou como devia, e como o seu coração e ardente patriotismo, mais ainda que o seu espirito, desejava, (do A.)

INTERLOCUTORES DO DRAMA

- 1.º O Grande Gênio Tutelar e Superior, que preside aos destinos de todo o Brasil.*
- 2.º Huma Nympha do Rio Amazonas.*
- 3.º O Gênio Tutelar do Cabo Frio, Subalterno do primeiro.*

Coro de Nymphas do Amazonas

A Scena representa-se nas margens do Rio Guajará, feudatario do Grande Amazonas, perto da Cidade do Pará.

ACTO ÚNICO

SCENA 1.º(1) Levantando o Fanno, depois da symphonia aparece logo: O GRANDE GÊNIO DO BRAZIL

Abrio-se a fatal urna dos destinos; Eis chega o tempo, eis chega o claro dia, Que em vão há tantos seclos desejas, Immensa Região, ó Novo Mundo: Já novos Astros sobre ti scintilão, E já compadecido o Céu benigno Da antiga escravidão, misera sorte, Hum novo Ser, hum novo Sol te envia: Verás os seus influxos creadores De mais perto animar teus férteis campos, E fazer que da terra surjão montes De ricos mineraes, preciosos, finos Que até gora em teu seio sepultados Infelizmente estavam: Verás inda Flôrecer o teu nome, e o teu commercio: Verás teus habitantes animados, Protegidos verás, quaes filhos caros, De hum Pai commum, de hum Bemfeitor Augusto, Que dando-lhes a Mão, que alegres beijão, Com ella os erguerá do abatimento: Inúteis, e infelices até gora,

(1) Vista de bosque, e no fim do Theatro se figura hum Rio junto ao qual estará huma gruta, a hum dos lados do tablado. E além do Rio muito ao longe apparecerão alguns edificios, que representão parte de huma Cidade.

Aos bandos sahirão milhões de humanos
 De incultas brenhas, de sertões medonhos,
 Em Cidadãos fieis já transformados, Já
 conhecendo o Deos, que o ser lhes dera, A
 Ley seguindo já, que os fez ditosos, Dos
 braços sahirão da torpe inércia; E,
 deixados os bárbaros costumes, Polidos
 os verás, e industriosos: Fabricas úteis,
 úteis officinas Nova fôrma darão,
 vantagens novas Aos immensos,
 riquíssimos productos, Que te deo liberal
 a natureza: Teus densos bosques, ásperos
 silvados, Corruptos pantanaes verás
 mudar-se Em formozas planícies; teus
 desertos Em verdes campos, em jardins
 viçozos; Largas estradas, nobres edificios,
 Sumptuosos palácios, altos muros, Vastas
 cidades, torreões soberbos: Nascerão,
 crescerão em teus regaços, Cheias d'honra,
 e de gloria as bellas Artes, E as immortaes
 Sciencias luminosas: A Piedade, a Justiça,
 as Leis sagradas Sobre ti reinarão com
 sceptro de ouro, Os teus férreos grilhões
 despedaçando. Oh Brazil! Oh Nações já
 venturosas, Que habitaes este vasto
 Continente, Alegrai-vós comigo, vinde,
 vinde De toda a parte a festejar tal dia! E
 vós, 6 moradores deste Rio, Que sois
 dos mesmos bens participantes, A' alegria
 commum também juntai-vós. Mas eis que
 já d'aquella cavernoza (1) Gruta vejo sahir
 com grave passo Huma Nympha do
 rápido Amazonas, Ou do Guajará brando
 e socegado, Seu tributário.

**Vem sahindo da gruta a Nympha do Amazonas, a qual se
 para o Gênio, e toma o lado esquerdo deste.**

SCENA2.⁸

NYMPHA DO AMAZONAS, */aliando com o*

A ti meus passos guio, E
ou sejas um mortal, ou sejas Nume, Se bem
que hum Semideos te considero, Eu te saúdo
reverente, humilde. Em minha fria, solitária
gruta Tuas vozes chegarão, teus accents De
divinal unção acompanhados, Da mais suave
força, a que não pode Resistir peito algum de
pedra, ou bronze: Mas quem hês? Me permite
que eu pergunte; E quaes são; donde vem
tantas venturas, Que anunciado tens ao Brazil
nosso?

GÊNIO DO BRAZIL

Sou do mesmo Brazil o grande Gênio, O
Gênio Tutelar que por Ley alta Do Supremo
Senhor, que rege os Orbes, Benigno, Justo,
Providente, Immenso, Presido á sorte, influo
nos destinos Desta vasta porção do Novo
Mundo, A quem de metas, e limites servem,
Da parte do Aquilão, da parte do Austro, Os
dois maiores Rios do Universo. (1) Já deste
dilatado Continente Piza a terra fecunda, o ar
respira, Seu Magnânimo, Augusto Soberano, O
Filho digno da Immortal Maria, O Principe
adorado, amparo e gloria Deste mesmo Brazil,
delicias nossas, João, Sexto João..., mas o
Primeiro, Que como Sol raiou neste horisonte,
Que veio encher de luz...

(1) O Amazonas, e o Prata.

NYMPHA

Sagrado Gênio,
 Minha pura homenagem de tributo Chei de
 assombro, e justo acatamento: Hum súbito
 prazer faz que interrompa De teu alto
 discurso o áureo fio, Ouvindo-te narrar taes
 maravilhas! Mas, dize-me, onde está o
 nosso amado? Onde existe este Príncipe
 adorado?

GÊNIO DO BRAZIL

Na rica populosa e grão Cidade, Que
 dos Caramurús foi berço antigo: Ali co'a
 Soberana Mãi Excelsa, Da Regia Esposa, e
 Prole acompanhado, A sagrada Pessoa
 isenta dos damnos; Já livre, e vencedor da
 inveja, e sanha De Neptuno feroz, de Eólo
 insano, Que de balde este Império lhe
 disputão, Aos fados superior, e ás Ímpias
 fúrias Do negro, do voraz, faminto
 Inferno... Por hum Deos, que ama o justo
 protegido, Único, Santo, Omnipotente, e
 Eterno, Pelas suas virtudes sustentado,
 João começa ali a nova serie De coizas
 que estes climas nunca virão; Prêmios,
 favores, graças mil reparte; Já dieta as
 novas Leys, os planos traça, Que farão para
 sempre Venturosos, E respeitados do Brazil
 os povos.

NYMPHA

Oh mil vezes felices os primeiros, Que
 tal honra tiverão, que tiverao A dita de
 beijar-lhe a Mão Augusta! Que, bem como
 da Aurora quando nasce, De perto vendo
 então a face pura, Serena e magestoza, as
 caras Prendas, Ternos penhores, doces
 esperanças

Nossas, e fructos de tão bons Senhores,
 Que eterna fé lhes jurão; que submissos,
 Prestados á seus pés, já lhes offrecem O
 tributo, as primícias mais sinceras Do
 mais ardente amor, e da mais firme, E
 fiel vass all agem...

GÊNIO DO BRAZIL

Nympha Belia, Inda
 não sabes tudo, eu tenho ainda A
 revelar-te novas, grandes coizas: Saberás
 pois que neste mesmo Dia, Dia brilhante
 memorável, fausto, Para bem do Brazil,
 e pará gloria Dos humanos, do mundo
 inteiro digo, Nasceo esse bom Príncipe
 adorado, Que por Senhor, e Pai tu
 reconheces; Hoje renova alegre o Sol
 luzente O seu Anniversario magestoso; E
 hoje mais do que nunca os povos todos
 Deste vasto hemisfério unidos devem, No
 fervor, no prazer, nos sentimentos,
 Marcar, assignalar tão grande Dia, Por
 novos modos, variadas formas Quaes até
 gora nunca usado tinhão; (Pois há razões,
 e causas também novas) E este mesmo o
 motivo digno e grande, Que faz que eu
 mesmo annuncial-o venha A tão remoto,
 tão distante clima; Motivo digno pelo seu
 objecto, E digno juntamente de que á
 outro De meus subordinados não cedesse
 A gloria desta empreza á mim devida,
 Até pelo cuidado, e pela estima Que me
 tem merecido em toda a idade O Famoso
 Paiz das Amazonas.

NYMPHA

Quanto, ó Gênio sublime, te devemos
 A' te u alto favor, á teus influxos!

GÊNIO DO BRAZIL

Tu, que logras ajusta primazia, Entre as
outras Deidades deste Rio, Convoca
todas, conta-lhe o que sabes, E o teu
ardente zelo o mais disponha.

NYMPHA

He pouco obedecer, quando o preceito,
Além de obrigação, prazer infunde, Quando
ao dever, que a alma reconhece, Também do
coração se ajunta o gosto: Seguirei, alto
Gênio, os teus mandados, Seguirei da virtude
o nobre impulso; Farei que a gratidão e
lealdade, O puro, ardente amor, os votos
puros, Dos fieis habitantes do Amazonas,
Tristes, e rudes no pensar do vulgo; Mas por
isso talvez, por isso mesmo Mais fieis, mais
leaes, mais virtuosos, Do que esses que
Ulustrados se apregoão, Sirvão de normas, de
exemplares sirvão Hoje á todos os povos do
Universo, Bem como aos seus Maiores já
servirão, (1) Quando ao quarto João as provas
derão, A' custa dos seus bens, suores, sangue,
Da mais prompta, e distincta vassalagem:
Farei que estes solícitos, e alegres, Co'a mais
pura homenagem, vão agora Levar aos pés do
Throno o seu tributo, Ouro fino, luzente
pedraria, E outras mil producções de grande
preço, Em que abunda este clima portentozo
Nos três reinos da fértil natureza. Farei que
com presteza, e força ingente, A notícia
levando, soprem, quebrem Os nús Tritões, os
retorcidos búzios,

(1) Allusivo ao vallor com que debsllarão aos Hollandezes. (do E.)

A fim de que veloz á toda a parte,
 Onde estende o Amazonas os seus braços,
 Dilatados, immensos, infinitos,
 Desde o lugar em que com a ponta fria
 Do pé repélle as ondas do Oceano,
 Até onde a cabeça magestosa
 Tem sobre as urnas do ouro reclinada,
 Cheguei a nova feliz das nossas ditas:
 Farei que as minhas Nymphas sem demora,
 De finissimas conchas adornadas,
 Teção louvores, cânticos entoem
 Ao Senhor do Brazil, Príncipe Nosso:
 Finalmente farei, farei que seja
 Aqui nas margens deste mesmo Rio,
 Que banha o Grão Pará co'as agoas suas,
 O ditozo lugar, lugar primeiro,
 Em que, servindo aos mais de exemplo e guia,
 Hoje se escute, veja-se este dia,
 Entre os sonoros, clamorozos vivas,
 Pelo meu coração, meu zelo ardente,
 Por minha voz e língua proclamado,
 O Novo Imperador do Novo Mundo.

GÊNIO DO BRAZIL

Viva, viva, repita o Brazil todo O Grande
 Imperador do Novo Mundo (1)

(1) Bem desejava, e esperava o Autor que esta Acclamação publica, e sincera, a que elle animado de hum enthusiasmo patriótico, e de um espirito o mais puro de fiel vassalagem, teve a honra, pôde-se assim dizer, de dar aqui o tom, e fazer na composição desde Drama como a primeira voz, fosse igualmente seguida e repetida por todos os seus Expectadores. As actuaes circumstancias, e os grandes acontecimentos presentes, que augurão, e felizmente preparao o novo destino do Brazil, bem merecião em semelhante occasião da parte dos habitantes delle esta justa demonstração, ou viva expressão de sentimentos dignos de qualquer povo Uuminado, e sensível, (do A.)

Os desejos e esperanças do Autor em 1808, ou para melhor dizer as suas inspirações, chegarão a realizar-se, por fôrma ainda mais admirável, no anno de 1821. (do E.)

NYMPHA

Entre tantos motivos de alegria Hum
só me falta, que encobrir não posso; Falta-
me vêr somente o gesto amável Do meu
Príncipe amado, a mão beijar-lhe, Da viva
vóz meu culto offerecer-lhe, Meus votos
protestar-lhes; e na Presença, Que para ser
feliz basta gosa-la, Derramar ternas
lagrimas de gosto.

GÊNIO DO BRAZIL

Também o grande Deos, que rege os Orbes,
Os humanos não vêm; porém o adorão, E só
por suas obras reconhecem Quanto he digno
de amor e de respeito: Os cultos que se
rendem, os serviços Que se fazem, se está o
objecto ausente, Ou distante, maiores são, mais
puros: Mas eu, Nympha gentil, já tinha em
parte Prevenido os teus vivos sentimentos, Já
tinha os teus desejos antevistos; Por isso
brevemente o Regio Busto Aqui terás de tão
querido Augusto. Ao Gênio Tutelar do Cabo
Frio, Hum dos meus Subalternos, ordenado
Tenho, que com ligeiro movimento, Subtil e
ethereo; mas com pompa egrégia, Com
decência Real conduza, e faça Venerar sôbre as
margens do Amazonas O Retrato fiel, a Sacra
Effigie Do Soberano mais fiel, e amável, O
Soberano mais fiel, e amável, Mais pio,
virtuozzo, e mais humano, Que o Universo
respeita; o Céu estima. A Cópia supre o
Original; e vendo Eila te ha-de inspirar
encantos novos, Novas idéas, compensar teu
votos.

NYMPHA

De alvoroço, e praser o peito exulta!
 De gratidão, e gosto não atina O que
 deva fazer nos seus transportes! Amor,
 obrigação, virtudes santas, Vinde
 ensinar-me o que fazer eu deva! Gênio
 sagrado, inspira-me tu mesmo,
 Bemfeitor generoso, tu ó Nome. A quem
 devemos maravilhas tantas.

GÊNIO DO BRAZIL

O mesmo coração inspira, e move, Os deveres
 prescreve, quando delles Alta, e profundamente
 possuindo, E penetrado está; os que elle dieta
 Sempre mais puros também, mais acceitaveis:
 Segue, bella Dei dade, os seus impulsos, E aos
 outros habitantes deste clima O mesmo lhes
 inspira, o mesmo facção; Que eu entretanto de
 maior altura, Ou d'huma ou d'outra margem do
 grão Rio, Invisível já vou, e sobranceiro Ver
 como os gratos povos do Amazonas, Neste tão
 singular propício Dia, Correspondem fieis á
 meus cuidados, A' minha inspiração, aos meus
 influxos. (1)

SCENA 3ª.

NYMPHA, SO

Celeste Gênio, não nós desampares: Nós
 seremos fieis aos teus influxos; E eu vou já
 transmitir á toda a parte A noticia feliz, o fausto
 annuncio, De amor os ardentíssimos effeitos, Do
 supremo dever ás Leys sagradas: Vou dispor,
 prevenir as Nymphas minhas

(1) Descendo rapidamente uma nuvem, e rodeando o Gênio, este nella
 envolvido sobe, e desaparece por entre as bambolinas.

Companheiras fiéis a que no entanto,
 Que outras mais expressivas se preparam
 Demonstrações de júbilo, e de gosto,
 Outras de gratidão, e lealdade
 Provas sinceras, certos testemunhos:
 Elias os instrumentos afinando
 Louvores teçam, cânticos ensaiem
 Ao grão Triunfador de tempo insano,
 Das ondas, e das fúrias conjuradas;
 Ao Augusto João delicias nossas,
 Benéfico Senhor, Pai carinhoso;
 Para que desde logo que o seu Busto
 Entre nós apareça, o seu Retrato,
 Como o primeiro dos tributos nossos,
 Das mesmas frias e musgozas grutas
 Mil vozes saiam, mil suaves hymnos,
 Que os ares rompão, que os mortaes despertem. (1)

SCENA 4ª. GÊNIO

TUTELAR DO CABO FRIO, So

Debalde pertendeis roubar-me a gloria, A gloria singular, que os Céos me derão, Vós de todo o Brazil, povos diversos. Do Cabo Frio vigilante guarda, Constante defensor, Tutelar Gênio, A que serve de insignia, e de divisa Este que empunho rutilante, e forte Sceptro de prata em minha dextra firme, Eu sustento, ou promovo a sorte, a honra Daquella parte do Brazil extensa, Que fica ao Súl do mesmo; e especialmente Da Capital famosa deste Império. Nella por eleição, por alta escolha Assentar, e firmar seu Throno excelso O soberano vem do Novo Mundo. E se tú, Cramurú, tiveste a dita

(1) Retira-se pelo bastidor mais visinho á Gruta.

De ser aquella que primeiro viste
 Sobre teus dilatados horisontes
 Luzir, brilhar João, qual Astro novo;
 Isso escolha nao foi, não foi conselho;
 Foi acazo, foi Ímpeto furiozo
 Das cegas ondas, e dos rudes ventos,
 Das impias negras fúrias agitadas:
 Mas o Príncipe invicto á nada cede,
 Não se aballa, nem muda de projecto;
 Bem como em sua lúcida carreira
 O luminoso Phebo, à toda a parte
 Sim manda os seus beneficios influxos,
 Sim á todos ilustra com seus raios,
 Todos os povos do Brazil lhe devem
 Graças mil, todos devem-lhe homenagem,
 Gratidão, lealdade, amor sincero;
 Porém o Centro, e orbita luzente
 Deste Sói, deste máximo Planeta
 He por certo o lugar mais venturoso,
 Que nesta esfera seus influxos goza,
 E que do braço meu a força ampara:
 Ditosa Região; mas sobretudo
 Illustre, bella, Capital ditoza,
 Que do primeiro mez o nome tomas,
 E que d'ora em diante serás dita
 Cidade de João, Cidade Augusta! (1)
 Nos livros do destino estava escripto,
 Que inda hum tempo viria, hum tempo inda,
 Em que feita das gentes a Princeza,
 Verias a teus pés ajoelhar-se
 As varias Regioens, os vários climas,
 E todo o habitador do Novo Mundo.
 Por occultos recônditos principios
 Duma alta Providencia impenetrável,
 De hum saber Infinito, que do nada,
 Do mesmo horrível cahos o mundo tira
 Ordenado, e brilhante; que da massa
 Dos males tira bens inexplicáveis;

(1) De Heróica e Leal teve depois e tem o titulo, (do E.)

Que permite os trovãos, e as tempestades,
 Não só para punir, mas igualmente
 Para bem dos mortaes, quando lhe agrada,
 Que tem nas suas Mãos os elementos,
 Os homens, os reptis, os Céos, os globos,
 Que muda, que destroe, que estabelece
 A grandeza, e fortuna dos Impérios;
 E para justos fins sempre admiráveis,
 Tudo move, dispõem, ordena, e manda.
 Elle mesmo assim quiz, 6 Rio illustre,
 Que tu sejas o Empório do Univerno,
 Que desde o Indostão té o Amazonas
 Busquem tua alliança, o teu commercio,
 Que venhão cultivar teus férteis campos,
 Povoar teus sertões, vastos, e immensos
 De todas as Nações milhões de humanos:
 Atrahidos virão, virão chamados
 Pelas tuas riquezas, e abundância,
 Por tuas novas Leys, Leys salutaes,
 A quem respeitarão fieis, submissos,
 Formando unidos já debaixo dellas,
 De teu Sceptro suave, e dilatado,
 Hum só Corpo e Nação, hum mesmo Império: (1)
 Tu finalmente servirás de abrigo,
 Serás a Mãe commum dos desgraçados,
 E dos que beneméritos buscarem
 Das quatro partes do Orbe nos teus braços
 Azilo, protecção, favor e amparo.
 E vós, ó povos do Amazonas rico,
 Que sois por esta parte os Defensores
 Dos sagrados limites invioláveis
 Do novo Quinto Império em fim chegado: (2)
 Vós que em maior distancia estaes do pollo,
 Que mais longe viveis do nosso Augusto;
 Mas que haveis assim mesmo em toda a idade
 Dado provas sinceras, e constantes
 Da nossa pura fé, do nosso zelo,

(1) Assim está realizado o pronóstico do Autor, (do E.)

(2) E com effeito assim chegou a ser em 1821. (do E.)

Vós tendes grande parte, ó leda gente, Na
ventura geral dos Brasileiros; E por muitos
motivos sois credores E atenção singular, de
rara estima, Que o mundo vós inveje, o Céu
destinga: Disto vou darvos a mais alta prova, E
por Mão superior encarregado, A fim de
consolar-vos na distancia, Como hum presente,
e dom mais precioso, Eu vos trago, 6 Mortaes,
o Regio Busto, Huma copia fiel, Retrato
Augusto Do vosso Excelso Príncipe adorado:
Vêde-o, Mortaes, prostai-vos, conhecei-o

SCENNA 5^a. (1) GÊNIO
TUTELAR DO CABO FRIO

As feições, o semblante, o gesto mostram
Daquella alma as virtudes, e a belleza, Pois
que por sabia ley da natureza Destas aquelles
são os mostradores: Já no Templo da Gloria
collocado, Pelas mesmas virtudes, que o
coroão, Vede a seus pés prostado, e reverente
O Monarcha dos Rios do Universo: Vede a
America toda d'outro lado Render-lhe o seu
tributo, e vassalagem: A pura lealdade ali
apparece Dos ternos, dos sinceros Brasileiros;
E do público bem o amor que anima O Regio
Peito, que o abrasa, e move A sacrificios mil
pelo seu povo; A quem de riscos preservas
intenta,

(1) Aparece o Retrato de S. Alteza Real, collocado no templo da Gloria, magnificamente iluminado, e acompanhado de varias figuras emblemáticas, próprias e allusivas is circumstancias presentes, servin-do-lhe de pedestal o Busto do Exm^o. actual Governador e Capitão General do Estado do Pará: Logo que apparece o Retrato cala-se por alguns momentos o Gênio do Cabo Frio, e faz certa pausa, durante a qual estará com os olhos fitos no mesmo Retrato, até que proseguindo diz como se segue acima.

Expondo-se a si mesmo á mores riscos: Serve de
 Pedestral ao seu Augusto Do Illustre Magalhães
 o nobre Busto, Varão, que ha longo tempo
 estimo e prezo; Que no Sul já de louros vi
 c'roadado, Ali na Pátria Rossilhon ganhados; E que
 agora nas margens do Amazona Deste Governo
 em suas Mãos sustenta O auro bastão pezado, e
 nos seus hombros Descansa de João seguro
 Sceptro (1)

Do largo Amazonas,
 Ledos moradores O Céu
 vos envia Immensos
 favores.

He este o Dia Do
 vosso Augusto E o
 Céu vos manda
 Seu próprio Busto

Penhor singular Da
 maior ventura,
 Caro, doce objecto
 Da nossa ternura

O nosso affecto O
 nosso amor Fieis
 consagramos A tal
 Senhor.

(1) A' estas ultimas palavras do Gênio immediatamente segue, e canta o Coro das Nymphas do Amazonas as quaes se figurão dentro das suas grutas, e que d'ahi sahem as vozes, pela impossibilidade que houve (visto à brevidade do tempo, e outras circumstancias) de se apromptarem as figuras necessárias, que deviam apparecer, e compor o dito Coro na parte exterior do Theatro ou do Tablado. O que fica já prevenido na Scena 3*, e no fim da última **falia** da Nympha do Amazonas. Enquanto durão Canto das Nymphas, vai muito lentamente caminhando o Gênio para aquella parte, de onde parecem sahir as vozes e por ahi mesmo se retira.